

O Espírito e a Letra na Magia

Soror Mallinatha

2016

Imagem de Capa: The laughing jester // Art museum
of Sweden, Stockholm; Anonymous, Netherlands

https://en.wikipedia.org/wiki/File:Court_jester_stockholm.jpg

Sumário

Introdução	5
Capítulo 1: Teologia, Filosofia, Ciência e Matemática	12
Capítulo 2: Paradigmas, Livros, Fantasmas e Fanfarronices	22
Capítulo 3: Espírito, o que é isso? É de comer? Sim, senhor!!	32
Capítulo 4: Monte seu castelo	44
Capítulo 5: A metafísica do seu reino	58
Capítulo 6: Cérebros são triangulares, formigas viram pavões	70
Anexo	87

Introdução

Malli foi uma princesa indiana que viveu entre 1350-1450 a.C. A fama de sua beleza se espalhou tanto que é dito que seis reis lhe enviaram propostas de casamento. Cada um dos reis ameaçou entrar em guerra contra o rei Videha caso seu pedido não fosse aceito.

A princesa tranquilizou seu pai, avisando para enviar um recado a cada um dos reis, dizendo que aceitava o pedido de casamento de cada um deles, convidando-os ao seu palácio. Os seis apareceram à sua porta e Malli recepcionou-os com uma estátua de ouro de si mesma, em tamanho real. A estátua emanava um odor desagradável.

Os seis não conseguiam suportar o odor e Malli explicou que havia colocado diariamente uma porção de comida na estátua e que, após quinze dias, aquele foi o odor resultante. “Eu estava me perguntando se vocês vieram casar comigo ou com meu corpo” ela disse. “Agora vocês sabem que a beleza é tão profunda quanto a pele. Vocês cheiraram os elementos de decomposição do corpo e não gostaram. Há algo mais que os trouxe aqui. É isso que os atrai e não o corpo. Fechem os olhos, meditem e vejam”.

Eles descobriram que os seis estiveram juntos numa vida passada. Eles eram aspirantes espirituais. No entanto, havia algo os prendendo, que os impediu de atingir a Iluminação naquela vida e por isso eles precisaram de outro nascimento.

Soror Mallinatha

Os reis disseram a ela: “Agora nós queremos que você nos guie. Você é nossa professora. Nós queremos terminar esse ciclo de nascimentos e mortes”.

Ela disse a eles: “O magnetismo que nós sentimos não é pelo corpo e sim pela alma. Então vamos usar essa vida para revelar a alma, purificar a consciência e atingir nosso destino de liberdade”.

Os sete tomaram juntos o caminho para a libertação. Malli renunciou ao mundo e iniciou uma meditação profunda. Ela atingiu a Iluminação, tornando-se Mallinatha, a 19ª dos 24 Tirthankaras do Jainismo.

Esse é um texto adaptado e traduzido por mim, a partir do site “The Jain Universe”.

O jainismo é normalmente dividido entre duas seitas: a Svetambara e a Digambara. Segundo a seita Svetambara, Mallinatha foi uma mulher iluminada, mas segundo a seita Digambara, ela foi um homem, pois uma mulher precisa renascer como homem para alcançar a iluminação.

Quando eu tinha 18 anos, após um ano de estudo do budismo Theravada, descobri o jainismo e iniciei meus estudos, que também durariam um ano. O que mais me chamou a atenção no jainismo na época foi o ideal do Ahimsa (não-violência), as severas mortificações realizadas pelos jainas e sua filosofia complexa, incluindo ensinamentos de matemática e metafísica realmente incríveis.

Tive dois professores que me instruíram no jainismo, ambos seguindo a seita Digambara: Samyak e Shrish. No entanto, os dois seguiam duas subseitas diferentes. Para Samyak, o jainismo devia ser focado

O Espírito e a Letra na Magia

apenas na leitura dos livros sagrados. Um dia, somente através da inspiração das leituras, sentiríamos uma vontade incontrolável de nos entregarmos a ascetes e meditações profundas, sendo este caminho totalmente natural. Para Shrish, devíamos começar com as ascetes externas e a ascete interna ocorreria depois.

Eu diria que esse foi um ponto chave na minha vida, pois a partir de certo momento segui sob a tutela de Samyak e isso alteraria minha visão da espiritualidade nos anos seguintes.

Resolvi iniciar meu livro contando essa história para dar uma explicação e uma introdução do significado do codinome “Soror Mallinatha”. Para mim, esse nome possui um simbolismo profundo, que me relembra de uma época especial da minha vida e também de debates polêmicos antigos. Também vale a pena observar que na língua Marathi há a palavra “Mallinathi” que significa um comentário ou crítica feita por alguém. Parece apropriado: “Irmã Crítica”.

Independente do que o jainismo Digambara diga sobre as mulheres, continua a ser uma seita extraordinária do jainismo. Eu considero que mesmo religiões que contenham certos “preconceitos” não deixam de ser admiráveis e de possuir praticantes fantásticos.

Acredito que essa seja uma boa lição para aprendermos. Muita gente olha torto, por exemplo, para religiões como cristianismo e islamismo por razões semelhantes e pode até ouvir histórias de indivíduos isolados que manifestem realmente os tais preconceitos. Contudo, a maior parte dos praticantes

Soror Mallinatha

costuma se focar mais nos ensinamentos positivos e universais, comuns a todas as religiões.

É claro, meus dois professores realmente acreditavam que mulheres não são capazes de atingir a Iluminação e que a prática espiritual da totalidade das mulheres era inferior a da totalidade dos homens (embora pudesse haver mulheres específicas que tivessem uma prática superior a homens específicos, diziam eles). Enfim, era tudo muito complicado e eu apenas respeitava a opinião deles. Apesar disso, nenhum dos dois, em nenhum momento, me tratou de forma “inferior”, sempre se dedicando para me ensinar. Para uma discussão mais detalhada sobre o tema recomendo o livro “Gender and Salvation: Jaina Debates on the Spiritual Liberation of Women” de Padmanabh S. Jaini.

Troquei e-mails gigantes com Samyak, Shrish me enviava muitos arquivos de áudios (pronunciando meu nome retirando a última letra, como os indianos costumam fazer), outros amigos jainas me enviaram presentes de livros pelo correio (enquanto outros livros eu mesma encomendei de livrarias indianas), incluindo fitas cassetes (sim, ainda se ouvia fitas cassetes na época) e uma instituição jaina até se ofereceu para me pagar uma passagem para a Índia, após eu trocar e-mails com uma monja Svetambara. No final, acabei não viajando, pois meus pais não permitiram, pela minha idade.

Apesar de tudo, esse não é um livro sobre jainismo e não pretendo escrever um. Eu teria muitas coisas a dizer sobre os fantásticos debates dos jainas, todas as polêmicas e histórias (incluindo o Sallekhana, morte voluntária, procure no Youtube).

O Espírito e a Letra na Magia

Mas acho que essas palavras foram suficientes para explicar o que “Mallinatha” significa para mim. Afinal, se muita gente usa codinomes de Deuses, por que eu não posso usar o de uma Iluminada?

Não, eu não sou uma Iluminada, nem perto, e não tenho intenção nenhuma de ser. Sou apenas uma admiradora e simpatizante de várias religiões indianas, como tantos de nós.

E agora que já esclareci a razão por trás do nome da autora, falta explicar o título. Eu obviamente podia não explicar nada, mas confesso que não resisto. De qualquer forma, mistérios sempre acabam permeando os livros, por mais que o autor se esforce por colocar tudo às claras. Então não se preocupe: terá seus amados mistérios mais adiante.

A expressão “O Espírito e a Letra” pode lhe soar familiar, seja por referências da Bíblia, de Shakespeare ou de outras obras. No entanto, eu a retirei de um livro que li recentemente, chamado “Sobre o Espírito e a Letra na Filosofia”, de Johann Gottlieb Fichte. Como eu sei que a maior parte de vocês não irá anotar o nome do livro e procurar para ler, falarei um pouco sobre ele para contextualizá-los.

Uma boa porção do livro contém a troca de cartas entre Fichte e Schiller. Pois Schiller fundou uma "sociedade de ilustres sábios" (Gelehrten) para publicar um periódico mensal chamado "As Horas" (Die Horen), da qual Goethe também fazia parte. Após ler um texto de Fichte, Kant recomendou-o a seu editor e a fama de Fichte cresceu. Na universidade, tantas pessoas queriam assistir a suas aulas que não tinha mais lugar e algumas ficavam assistindo do lado de fora (dá pra imaginar?). Os

horários e salas disponíveis eram tão poucos que Fichte tentava dar aulas aos domingos, sempre cuidando para sua aula não coincidir com o horário da missa, ou deixaria muitas pessoas zangadas.

Quando Fichte enviou um manuscrito seu a Schiller para o periódico, este o recusa, pois vê problemas no texto, alguns de caráter estético. A partir da recusa, Fichte responde com uma carta, profundamente chateado, também criticando o estilo de Schiller. A partir daí, ocorre um embate de troca de cartas fenomenal sobre estética e outras problemáticas da filosofia, que se tornaria célebre.

Sobre o título do livro, Fichte diferencia a letra (que é somente o corpo do texto, meras palavras), com seu espírito (que seria a "faculdade de elevar sentimentos à consciência" segundo sua definição). Para ele, o ensino de filosofia costuma se denegrir em mera decoreba. Os estudantes apenas decoram o que foi escrito por outro filósofo. Mas normalmente esse filósofo colocou seu espírito, seus sentimentos, até mesmo sua alma no texto. Se o estudante não o sente, são apenas palavras vazias.

Segundo Fichte, não é possível ensinar o espírito. Só se ensina o corpo, através das palavras. O estudante deverá buscar essa coisa chamada espírito, pois somente através dele nasce o filósofo.

O título do meu livro é "O Espírito e a Letra na Magia" porque pretendo estender esse debate além da filosofia, para a espiritualidade.

Mas o que é espiritualidade? Que é esse tal de espírito, ou alma, termos tão pouco populares no período materialista em que vivemos?

O Espírito e a Letra na Magia

Para chegarmos aí, acredito que teremos que retroceder a algumas discussões antigas, mas que nunca saem de moda.

Soror Mallinatha, 18 de janeiro de 2016

Capítulo 1: Teologia, Filosofia, Ciência e Matemática

Podemos ter certeza de alguma coisa?

No livro “O Maior Espetáculo da Terra” de Richard Dawkins (eu falei que ia pegar pesado?) temos a seguinte passagem:

“Quanto à afirmação de que a evolução nunca foi ‘provada’, provar é uma ideia que os cientistas foram intimidados a ver com desconfiança. Filósofos influentes nos dizem que não podemos provar coisa alguma em ciência. Os matemáticos podem provar coisas – segundo uma visão estrita, são os únicos que podem. Já os cientistas o máximo que podem fazer é não conseguir refutar algo mostrando que se esforçaram o máximo para contestá-lo. Até a indisputada teoria de que a Lua é menor do que o Sol não pode, pelos critérios de certo tipo de filósofo, ser provada do mesmo modo que, por exemplo, o teorema de Pitágoras. Mas alentadas acreções de evidências corroboram-na tão acentuadamente que negar-lhe a condição de ‘fato’ parece ridículo a todos com exceção dos pedantes. O mesmo se aplica à teoria da evolução”

Em outro trecho, temos essa observação ainda mais interessante:

“Como ocorre com todos os fatos, se quisermos ser pedantes, é inegavelmente possível que nossos instrumentos medidores e os órgãos dos sentidos com os quais os lemos sejam vítimas de um gigantesco engano coletivo. Como disse Bertrand Russell, Pode ser que tenhamos passado a existir há cinco minutos, já

O Espírito e a Letra na Magia

providos de memórias prontas, buracos nas meias e cabelos pedindo um corte”.

Embora Dawkins trate essas questões dos “trinchadores da lógica” como apenas um detalhe, para mim é exatamente o que dá a diversão da coisa toda.

No livro “A Nova Inquisição”, Robert Anton Wilson (esse eu recomendo que se leia inteiro, pois se trata de uma obra-prima) nos lembra do dogmatismo dos cientistas ao considerar apenas o sistema de Darwin como verdadeiro. Vários outros cientistas elaboraram teorias alternativas sobre a evolução que foram prontamente desconsideradas e não são mais estudadas pela maioria, que sequer leu os livros desses outros autores para ter argumentos para refutá-las.

E a respeito da observação de Dawkins sobre a matemática, terei que educadamente recusá-la. Não sei quantos matemáticos ainda usam o modelo de Platão sobre os números, considerando-os como entidades do Mundo das Ideias. Não que essa visão seja absurda, mas não é a única possível. Como também observa o RAW, outros modelos de matemática podem ser criados e as regras lá se alteram.

A matemática pode ser vista como um modelo, como um jogo que possui suas regras. Fora desse jogo e de suas regras previamente estabelecidas, as provas da matemática não são, de forma alguma, absolutas.

Dessa forma, segundo certa visão filosófica, não se pode provar nada nem na ciência e nem mesmo na matemática. Não sei quem tentou tornar a senhora

matemática uma dama intocável. Afinal, a lógica já existia na filosofia bem antes de os matemáticos mexerem nela.

A propósito, como também nos relembra RAW, segundo a velha lógica aristotélica só há duas opções possíveis: ou uma afirmação é verdadeira ou ela é falsa. No entanto, hoje em dia já existem diversos modelos de lógica, incluindo alguns baseados na física quântica. Muitas delas incluem além do “sim” e do “não” o “talvez”.

Não é tão absurdo assim que duas afirmações aparentemente contraditórias estejam ambas corretas, contanto que consideradas sob seus respectivos modelos.

A graça da filosofia está aqui: nenhuma teoria filosófica derruba outra. Várias teorias podem coexistir, diferente dos modelos científicos que desejam derrubar uns aos outros. No entanto, nos diz Karl Popper em “A Lógica da Pesquisa Científica”:

“A ciência não é um sistema de certezas, ou afirmações bem estabelecidas; nem é um sistema que constantemente avança para um estado de finalidade. Nossa ciência não é conhecimento (episteme): ela nunca pode clamar ter atingido a verdade, e nem mesmo um substituto para isso, como probabilidade”.

“Como e por que nós aceitamos uma teoria em detrimento de outras? A preferência certamente não é devido a uma justificação experimental das afirmações que compõem a teoria; não é devido a uma redução lógica da teoria à experiência. Nós escolhemos a teoria que melhor se mantenha em competição com outras teorias; aquela que, por seleção natural, se mostra a mais adaptada a sobreviver. [...] De um ponto de vista lógico, testar uma teoria depende de afirmações básicas cuja aceitação

O Espírito e a Letra na Magia

ou rejeição, por sua vez, depende das nossas decisões. Então são decisões que definem o destino de teorias. [...] A escolha [de uma teoria] é em parte determinada por considerações de utilidade”.

É interessante que cada área possui critérios de aceitabilidade diferentes para suas teorias. Por exemplo, uma afirmação na teologia de uma religião específica não pode se basear somente na razão.

Na época em que vivemos a razão é a Senhora. A ciência é sua consorte mais poderosa. Sendo assim, muito do que não é razão ou ciência é posto em dúvida; menos essas duas donzelas.

Na verdade, o empirismo é considerado em mais alta conta do que o racionalismo. Um experimento científico é tido como mais poderoso do que uma reflexão filosófica que se fundamenta predominantemente na razão, na lógica.

Eu diria que cada área deve tomar conta do que lhe cabe. Ninguém está tentando desmerecer o método científico. É apenas uma lembrança de que ele surgiu na filosofia, com Descartes e Bacon.

Vivemos numa época em que vigora o paradigma materialista. Atualmente a ciência possui status e credibilidade semelhante ao que possuía a Igreja na Idade Média. A visão materialista em si não é incorreta ou negativa. É apenas mais um modelo dentre tantos outros, que não possui nada de especial, fora o fato de estar em voga nos dias de hoje. Nós somos um produto do tempo em que vivemos. O fato de grande parte das pessoas da atualidade acreditarem que a matéria é tudo que existe, ou que todos os fenômenos, incluindo os mentais, podem ser explicados em termos

fisiológicos (a mente como subproduto do cérebro) não é acidental.

Enxergar o mundo a partir de uma perspectiva materialista é uma prática antiga, observada em diferentes sociedades. Na Índia, essa escola de pensamento se chamava Charvaka e coexistiu com o bramanismo e o budismo. Não foi tão popular por lá. Na Grécia Antiga, pensadores como Leucipo e Demócrito defendiam ideias materialistas, como a teoria atômica. Claramente, o idealismo de Platão e o neoplatonismo de Aristóteles (como estudante da Academia Platônica, alguns estudiosos já veem traços de neoplatonismo no Estagirita) fizeram muito mais sucesso.

Hoje a mecânica quântica aceita que os entes físicos podem se comportar ora como onda e ora como partícula. A realidade não é plenamente material.

Uma posição alternativa ao materialismo seria o idealismo.

Acho importante frisar que não está sendo afirmado que o idealismo seria superior ao materialismo. Cada abordagem tem suas vantagens e desvantagens, para objetivos diferentes.

Alguns podem argumentar que essa posição poderia fazer com que caíssemos no relativismo: a ciência, a matemática e a filosofia não provam as coisas, então tudo seria relativo?

Talvez essa posição seja uma simplificação. Mesmo assim, um dos filósofos que mais admiro, o bispo George Berkeley, possui uma teoria muito elegante e exótica que flerta com esse conceito. Eu tenho particular predileção por teorias estranhas, que

O Espírito e a Letra na Magia

a princípio parecem não fazer sentido ao nosso senso comum e exigem uma investigação mais profunda para que se entenda o espírito da coisa.

Segundo Kant e seu idealismo transcendental, existe o mundo dos fenômenos, que é o mundo das aparências, mas por trás dele há o mundo dos númenos, que seria a “verdade por trás da realidade fenomênica”. Para Berkeley e seu idealismo dogmático ou imaterialista, os objetos não possuem existência própria (ou seja, não há coisa em si) e sua aparente realidade depende da existência de um observador.

Não sei quanto a vocês, mas eu me sinto muito à vontade num mundo em que as coisas desaparecem quando deixamos de olhá-las. Pois, na prática, para nossa existência individual é assim que as coisas são: quando não as experimentamos naquele momento, deixam de existir.

Ah, mas Berkeley não para por aí! Conforme sua teoria, as coisas não desaparecem instantaneamente quando não há ninguém olhando porque Deus está sempre observando todo o universo.

Ahá! A teologia passa a ser nosso coringa favorito. Deus é a cartada que mata todas as charadas, como uma navalha de Occam. Eu acho muito engraçado o fato de tantos cientistas terem se apropriado desta navalha, quando na verdade o frade William de Occam a bolou exatamente como argumento a favor da existência de Deus.

Eis as opiniões de Voltaire sobre Berkeley, descritas em seu “Dicionário Filosófico”:

"Berkeley, bispo de Cloyne, foi o último que, por cem sofismas capciosos, pretendeu provar que os corpos não existem

[...] Só mesmo o senhor bispo de Cloyne seria capaz de cometer tamanho ridículo [...] Nem merece refutação o paradoxo de Berkeley"

O mais divertido é que Voltaire e Berkeley foram contemporâneos. Voltaire disse que assistiu algumas das palestras de Berkeley e que conversou um pouco com ele.

E que tal uma teoria filosófica mais atual? David Lewis discute a existência real de seres como unicórnios, dragões e burros falantes. Esses seres realmente existem e não são somente imaginários! Eles existem de forma CONCRETA, porém em outros mundos possíveis tão reais quanto o nosso em que é possível a existência desses seres. Inclusive há mundos possíveis nos quais eu sou um ovo cozido, como nos lembra o autor.

Segundo Lewis, há um preço pequeno a pagar para entrar nesse paraíso filosófico criado por ele. E eu diria que vale muito a pena pagar por essa barganha! Imagine os imensos benefícios advindos de adentrar nesse paraíso!

Diz o autor em seu livro "On the Plurality of Worlds":

"Algumas de nossas opiniões são mais firmes e menos negociáveis do que outras. E algumas são mais ingênuas e menos teóricas do que outras. E parece haver uma tendência para as mais teóricas serem mais negociáveis"

Bolar uma teoria, seja ela matemática, científica ou filosófica, se parece menos com buscar a verdade e mais com puxar um tapete para caber perfeitamente numa sala: você puxa de um lado e o outro lado não é completamente coberto. Ou a lógica humana pode ser vista como um cobertor curto, com o qual você

O Espírito e a Letra na Magia

tapa a cabeça, mas os pés ficam de fora. Então você tem que fazer uma negociação com uma parte de sua teoria até decidir qual porção do corpo passará frio.

Muitas vezes temos que escolher sacrificar ou a razão ou a experiência dos sentidos, tendo que escolher entre uma das duas quando ambas se mostram contrárias. Eis uma bela demonstração desse princípio no livro Teodiceia, de Leibniz:

"O Sr Bayle faz ainda uma objeção engenbosa, que ele toma do exemplo do sentido da visão: 'Quando uma torre quadrada (diz ele) nos parece redonda de longe, não apenas nossos olhos testemunham muito claramente que não apercebem nada de quadrado nessa torre, mas também descobrem aí uma figura redonda, incomparável com a figura quadrada. Pode-se dizer, então, que a verdade, que é a figura quadrada, está não apenas acima, mas também contra o testemunho de nossa frágil visão'"

Uma torre quadrada que parece redonda? Poucas drogas, Sr Bayle?

O livro consiste quase que totalmente em réplicas às afirmações do Sr. Bayle. Aparentemente Leibniz se divertia em trocar correspondências com algumas centenas de autores que ele cita ao longo do livro, a maioria deles seus inimigos; ou quase amigos, se poderia dizer, já que Leibniz afirma que se diverte e aprende muito com as réplicas de seus adversários. Até mesmo em relação a Newton que nós pensaríamos ser um dos maiores inimigos de Leibniz (quem não conhece a famosa história da disputa dos dois pela autoria do cálculo infinitesimal?), ele deve tê-lo considerado quase um companheiro, já que ele menciona no livro que os dois se encontraram e Newton lhe ensinou umas boas piadas.

Soror Mallinatha

No famoso “Discurso do Método” de Descartes temos mais reflexões sobre essas questões:

"Finalmente, se ainda há pessoas que não estão persuadidas suficientemente da existência de Deus e da alma, pelas razões que aduzi, desejo que saibam que todas as outras proposições, de cuja verdade eles se julgam talvez mais assegurados, como a que temos um corpo, e que existem estrelas e uma terra, e similares, estão menos certas"

Bem, essa é uma afirmação um pouco forte!

A terceira máxima de Descartes já tem uma natureza um pouco diferente:

"Sempre tentar conquistar a mim mesmo, em lugar de fortuna, e mudar meus desejos em lugar de mudar a ordem do mundo, e em geral acostumar-me à opinião de que, salvo em nossos próprios pensamentos, não há nada absolutamente em nosso próprio poder. [...] E fazendo assim, como se diz, uma virtude da necessidade, não desejaremos mais saúde em doença, ou liberdade em encarceramento, do que desejamos corpos incorruptíveis como diamantes, ou as asas de pássaros para voar. Mas confesso que há necessidade de disciplina prolongada e meditação frequentemente repetida para acostumar a mente a ver todos os objetos nessa luz; e acredito ser principalmente este o segredo do poder dos filósofos que em tempos antigos foram habilitados a subir à influência e fortuna e, ao meio de sofrimento e pobreza, desfrutar de uma felicidade que seus deuses poderiam ter invejado"

Ou, como diria o primeiro verso do Dhammapada: “É o mental, em tudo, o elemento primordial”.

Segundo Robert Anton Wilson:

'Nada é real, tudo é real', como Gribbin afirma. Ou seja, em seu modelo, nada é absolutamente real no sentido filosófico,

O Espírito e a Letra na Magia

e tudo é realidade experienciada para aqueles que acreditam nisso e fazem a seleção em suas apostas de percepção"

E já que entramos no tema dos paradigmas, passemos a eles.

Capítulo 2: Paradigmas, Livros, Fantasmas e Fanfarronices

Como podem ver, a filosofia é como um buffet: repleta de modelos, dos mais nutritivos aos quase intragáveis e você pode montar seu prato como lhe aprouver.

Falemos então desses seres exóticos chamados ocultistas, que são esses caras que dizem praticar magia. Aparentemente, praticam mesmo. Eu acho que depois de engolir os unicórnios e dragões de David Lewis, ler pensamentos ou mover objetos com o poder da mente é coisa pouca.

As tendências mais populares entre os magistas dos últimos tempos é construir modelos de magia baseados na ciência, na psicologia e no materialismo. Então, se quiser estar sempre na moda, já sabe o que fazer.

Para que serve um modelo? Para você apoiar sua magia em alguma base racional. Não que isso sirva para alguma coisa. É útil para aqueles que têm dúvidas se magia funciona mesmo, ou para quem deseja ter uma rede na qual se apoiar se o demônio o fizer cair duro no chão.

Escolha, sei lá, Einstein, Jung. Assim, se a sua educação materialista de “só-a-matéria-é-real-e-fim-de-papo” começar a incomodar sua consciência no meio de um ritual, basta você apelar para a física quântica (parece que essa tal física quântica é ideal

O Espírito e a Letra na Magia

para que você dê um *elegante suspiro científico* aliviado para justificar qualquer absurdo que apareça!) ou concluir que tudo aquilo não passou de uma bela *sincronicidade*, cavalheiros...

Parece que muita gente tem alergia ao conceito de que algumas coisas podem ser apenas aleatórias. “Ser aleatório significa apenas que não conhecemos as causas” dizem eles, apelando para a causação, questionada por Hume. Precisamos montar um quebra-cabeça com nosso mundo, com nossos búzios e constelações.

Mas tudo bem! Por que não?

Os magistas científicos, que costumam usar modelos psicológicos da magia (“Está tudo na minha mente!”), clamam com alegria) costumam zombar dos magistas que utilizam modelos espirituais e divinos. Aham que esses caras que acreditam em Deus ou em espíritos são extremamente supersticiosos com seus fantasmas e aparições.

Mas a sua magia é diferente! Ela é ponderada, tudo tem explicação e se encaixa com a história e com a matemática. Nada de tirar modelos aleatórios da cartola, hã?

Por mais irônico que pareça, a situação vem se invertendo: cada vez menos pessoas acreditam em fantasmas e espíritos (incluindo o caso do Fantasma Sagrado, vulgo Deus).

Por quê? “Porque não estamos mais na Idade Média” dizem eles. “Estamos na idade da razão, desde o renascimento das trevas dessas superstições!”.

É muito natural que tantos desprezem a Idade Média e fantasiem que somente a Antiguidade

Clássica era maravilhosa “apesar dos escravos”, acrescentam, meio envergonhados, “mas isto é só um detalhe”. Infelizmente, os historiadores contemporâneos querem nos fazer acreditar em nossos livros de história do ensino médio que o que eles chamaram de “Idade das Trevas” era apenas repleto de fome, peste, guerra e superstição. Para quem quiser saber mais, indico a leitura da introdução de Umberto Eco no livro “Idade Média”, época de criação das universidades, de grandes pensadores como Boécio, de ilustres escritores como Dante Alighieri e Boccaccio.

O mais interessante é que na Idade Média o real e o simbólico frequentemente se confundiam e nem sempre eram definidos. Isso era parte da cultura da época, uma vivência mágica em que espíritos, anjos e demônios viviam nessa fronteira estimulante do real e do alegórico.

É preciso compreender uma época dentro de seu paradigma. Tente ler a Bíblia seguindo um paradigma materialista. É óbvio que você vai achar que é uma grande bobagem. Só vai simpatizar com uns poucos trechos óbvios e evidentes que até um asno compreenderia (com todo o respeito, é claro).

Há muitas alegorias. Note que uma alegoria é diferente de uma metáfora.

Citando Umberto Eco:

“Mas se a Bíblia fala por personagens, objetos e acontecimentos; se nomeia flores, prodígios da natureza ou pedras, se põe em jogo subtilezas matemáticas, convirá procurar no saber tradicional qual é o significado daquela pedra, daquela flor, daquele monstro ou daquele número. E eis porque depois de Agostinho a Idade Média começa a elaborar

O Espírito e a Letra na Magia

as suas enciclopédias, para definir com base na tradição as regras da atribuição de um significado figural a qualquer elemento do mobiliário do mundo físico. Deste modo, até os sátiros e os ciápodas adquirem significado espiritual e, admitindo que nunca seriam encontrados, também teriam significado espiritual os animais, as plantas e as pedras do bestário, do herbário e do lapidário quotidianos”.

“Estas enciclopédias tratam (para definir as matérias em termos contemporâneos) dos céus, de geografia, demografia e etnografia, de antropologia e fisiologia humana, de zoologia, botânica, agricultura, jardinagem, farmacopeia natural, medicina e magia, mineralogia, arquitetura e artes plásticas. Mas uma característica, que as distingue das enciclopédias modernas, é não pretenderem registrar o que realmente existe, mas aquilo que tradicionalmente se considera existir (dando igual espaço ao crocodilo e ao basilisco)”.

“Eis, pois, como o homem medieval vive num cosmo falante, disposto a escutar a palavra de Deus até no marulhar de uma folha”

A Idade Média também foi uma época em que mulheres frequentaram algumas universidades (como Heloísa, amante de Abelardo) e foram até mesmo professoras, como Bettisia Gozzadini e Novella d’Andrea.

Entenda que como eu aprecio teorias filosóficas nas quais é permitida a existência de dragões, eu também irei apreciar um período histórico em que crocodilos eram quase tão reais quanto basiliscos. Eu diria que um mundo assim é o paraíso epistemológico do magista, do espiritualista; ou, por que não, do idealista?

Eu poderia observar que o ódio a religiões abraâmicas (especialmente aos muçulmanos), ou

Soror Mallinatha

mesmo a religiões em geral, é muito interessante para o mundo capitalista. Eis a teoria da conspiração: eles não querem que você desenvolva uma espiritualidade, que acredite numa realidade transcendente (como Deus e alma), pois no momento em que você acreditar nessas coisas irá parar de gastar tanto dinheiro para o prazer de seu corpo.

Porém, é perigoso cair no outro extremo e acreditar que o corpo é ruim, fonte de mal, e que o prazer deve ser proibido. Longe disso! Nosso corpo é nosso templo sagrado. Mas fique à vontade para fazer coisas não sagradas com ele, por favor!

Como sempre, é preciso atingir um equilíbrio: nem muito corpo, nem muito espírito. Encontre seu equilíbrio, pois o meio termo de cada pessoa é diferente, único.

Nesse livro insisto na valorização do aspecto espiritual porque é algo que parece ter ficado para trás nos dias de hoje. Se vivêssemos numa época de muito espírito e pouco corpo, eu provavelmente escreveria um livro insistindo mil vezes na importância do corpo, nos valores dos prazeres carnavais, etc.

Por esse motivo também insisto, como de costume, na importância de ler livros. Se atualmente ler fosse um vício mundial, eu faria questão de escrever um livro enfatizando nas outras atividades da vida, como montar rodas de discussão, dar uma caminhada ou até jogar um jogo para relaxar.

Esses dias li um livro muito simpático, apropriadamente chamado “A Arte de Ler” ou “Didascalion”, de Hugo de São Vítor. Vejamos algumas passagens:

O Espírito e a Letra na Magia

"É principalmente por dois instrumentos que alguém adquire o conhecimento: a leitura e a meditação. Observando ambos, notamos que é a leitura que vem em primeiro lugar na instrução, e justamente por isto este livro que segue trata dos preceitos e regras para a boa leitura"

"Logo, o princípio da doutrina está na leitura, e sua consumação, na meditação. E quanto mais alguém aprende a amar a leitura com familiaridade, desejando-se esvaziar-se para com ela se preencher, mais construirá uma vida agradável. [E o que é uma vida agradável?] Aquela vida que, diante das tribulações cotidianas, nos dá a alternativa de consolação máxima".

"A meditação, portanto [amparada inicialmente na leitura] afasta maximamente nossa alma do mundo entrépito, isto é, aquele direcionado pelas coisas terrenas. Ela nos faz gozar com antecedência - ainda nesta vida - da doçura da paz eterna".

"Não qualifiques qualquer conhecimento de vil ou inútil, porque toda ciência é boa de algum modo. Se te deparas com um tempo livre, não deixeis de, pelo menos, ler um escrito qualquer, porque se não lucrareis com tais palavras ao menos nada irás perder"

Mas não se trata de ler de qualquer jeito. O autor nos orienta a forma correta de ler.

Apenas ler as palavras e frases é uma leitura vazia. É preciso sentir o espírito da letra.

Mas o espírito ou o “sentido” não é algo que pode ser ensinado. Relembremos dessa passagem do livro “O Jogo das Contas de Vidro” de Hermann Hesse:

"Um Mestre do Jogo ou um professor que se preocupasse principalmente em estar bem próximo do 'sentido íntimo' seria um péssimo professor. Eu, por exemplo, confesso não ter dito em toda a minha vida uma única palavra sobre o sentido da

música; se ela o possui, eu não preciso dele. No entanto fiz sempre questão absoluta de que meus alunos soubessem contar com exatidão as suas colcheias e semicolcheias. Quer sejam professor, erudito ou músico, respeita o 'sentido' mas não penses que ele pode ser ensinado. Com o desejo de ensinar o 'sentido', os filósofos da história arruinaram a metade da história universal, introduziram a época folhetinesca e se tornaram cúmplices de muito sangue derramado. Mesmo que eu tivesse de iniciar um aluno em Homero ou nos trágicos da Grécia, não lhe havia de sugerir que a poesia é uma forma de manifestação do Divino, mas me preocuparia em torná-la compreensível pelo conhecimento exato de seus meios de expressão, linguísticos e métricos. Cabe ao professor e ao erudito a pesquisa dos meios e da transmissão do saber, a conservação da pureza dos métodos, e não incitamento e o precoce despertar daquelas vivências impossíveis de exprimir, que se destinam aos escolhidos – que são quase sempre derrotados e sacrificados”.

Esses são dizeres poderosos.

Recentemente escrevi um livro baseado nesse romance de Hesse, chamado “A Era do Folhetim”. Na época em que vivemos as informações são fragmentadas; além de nada se encaixar, não se aprende mais as coisas de forma aprofundada, mas apenas em pedaços.

Eu diria que se olha apenas para a letra e não para o espírito. Num mundo em que a espiritualidade é colocada para segundo plano e o prazer do corpo é tido como sentido máximo iremos, inevitavelmente, eleger o Dinheiro como nosso novo Deus, pois é evidente que ele é mais apropriado do que o Deus antigo para dar bastante prazer ao corpo, com comidas caras, confortos extravagantes e diversões jamais sonhadas.

O Espírito e a Letra na Magia

O intuito do conhecimento passa a ser obter dinheiro e não a vontade do saber. Não que o prazer do corpo seja errado ou o dinheiro em si seja um mau. No entanto, eis aí um claro desequilíbrio que pode trazer infelicidade.

Se uma pessoa se sente feliz e realizada numa vida voltada ao dinheiro e quase que exclusivamente aos prazeres do corpo, sem dar ênfase aos prazeres da mente ou espírito, não há problemas. O importante é que a pessoa veja sentido nisso, ou se contente com a falta de sentido.

No entanto, pelo que vejo cada vez mais gente se sente perdida, com problemas psicológicos, ansiedade, insegurança. Eu acredito que o aspecto espiritual existe para preencher esse vazio e dar esperanças para as pessoas.

Eu admiro o ocultismo e a magia porque novas interpretações são possíveis. Não apenas o velho dualismo do bem e do mal ou do certo e errado. Não que dualismos sejam incorretos, mas às vezes é bom observar a vida sob um novo olhar, para refrescar.

Magia é diferente de religião. A religião costuma ter como meta a salvação, a consolação. Já a magia, embora possa conter esses elementos, também trabalha com algumas investigações mais profundas e incomuns, e se permite curtir os prazeres da vida junto com o êxtase espiritual.

E o que é o espírito e a letra na magia? Frequentemente o ocultista só presta atenção na forma da magia em vez de penetrar no conteúdo. Contenta-se em ficar apenas na superfície, quando a proposta do ocultismo seria exatamente ir mais fundo.

Soror Mallinatha

Como isso acontece? Em primeiro lugar, como não me canso de repetir, na falta de leitura. Até mesmo no caso dos franciscanos, em que inicialmente se defendeu que era possível viver apenas de compaixão e amor ao próximo, com o tempo percebeu-se que era hora de retomar o estudo da teologia, para entender os ensinamentos da religião a fundo.

É comum que exista essa crítica a quem apenas fica perdido na teoria e não coloca os ensinamentos em prática. Mas essa crítica geralmente é feita a quem tem, digamos, uns dez anos de estudo dedicado e ainda quer permanecer para sempre perdido no mundo dos livros. Chega o momento em que é preciso caminhar, partir para o mundo da ação.

No entanto, esse é um péssimo conselho a quem está começando. No início é preciso ler dezenas de livros, estudar com afinco, de forma incansável, dedicada e disciplinada.

Isso não significa, é claro, que você não vai se divertir. Não sei quem inventou que ler livros não é divertido. Deve ser quem apenas foi obrigado a ler livros chatos no colégio. Quando você tem a liberdade de escolher o que ler e montar seu plano de estudos, a história muda de figura.

O ocultista que realiza magias usando grimórios da Idade Média deve entrar no paradigma da época: estudar história é um bom começo. Senão, o magista não entenderá o significado simbólico do grimório e não penetrará no arcano.

E como o magista deverá se portar quando estiver no Círculo da Arte evocando entidades? Deverá enxergar almas, espíritos e fantasmas ou portar-se

O Espírito e a Letra na Magia

como um cético? Novamente, depende da preferência e do que se busca atingir.

Você é daqueles que gosta de mergulhar completamente na experiência e sentir grandes emoções? Ou é mais lógico e contido e sempre quer manter tudo sob controle?

Há muitas opções no menu dos espíritos.

Vamos então refletir sobre o termo “espírito” e explorar algumas possibilidades práticas.

Capítulo 3: Espírito, o que é isso? É de comer? Sim senhor!!

Considerando que os cristãos comem o corpo de Cristo e bebem seu sangue, não acho absurdo o conceito de consumir almas, espíritos e assemelhados.

Qual a diferença entre uma alma e um espírito? Há controvérsias. Vou classificar em termos filosóficos: a alma é o imanente e o espírito o transcendente. Ou seja, a alma é o microcosmo e o espírito o macrocosmo. A alma é a parte do divino em você e o espírito é uma substância mais abrangente, como um Espírito Santo ou Deus.

Frequentemente esses dois termos se confundem, pois os dois representam uma porção do divino. Você não precisa acreditar em Deus, muito menos num Deus pessoal, para entender ou aceitar o conceito de transcendente, tão comum à filosofia.

Basta lembrar que o idealismo de Kant era chamado de transcendental. Evidentemente, os termos “transcendente” e “transcendental” possuem significados diferentes, mas ainda assim possuem uma relação especial.

O transcendente é aquilo que não pode ser alcançado pela experiência dos sentidos. No entanto, pode ser pensado, embora frequentemente fuja ao domínio da razão, como as divindades. Quanto ao

O Espírito e a Letra na Magia

trascendental, para Kant é aquilo que vem antes, primeiro, “a priori”, que possibilita o conhecimento.

Na moral kantiana, o agir ético vem antes de tudo, numa espécie de categoria transcendente como um Deus. Como se trata da concepção idealista, o mais importante é o ideal, ou a intenção por trás dos atos. Em vez do resultado no mundo material, conta o agir moral.

É um conceito bem diferente do pragmatismo. Algumas pessoas podem ter preocupações espirituais com objetivos pragmáticos, como obter um conforto mental devido a uma dor, ou superação das realidades da doença e morte.

Contudo, não é para isso que “serve” o conceito de espírito ou espiritualidade. Provavelmente é uma mazela de nosso tempo a mania de achar que as coisas sempre precisam servir para alguma coisa.

A ideia seria que a alma ou espírito seriam excelentes por si mesmos. E mesmo que não servissem para coisa alguma, são simplesmente belos, magníficos, admiráveis, intrinsecamente.

E um corpo não poderia ser belo e admirável? Sim, mas o corpo está sujeito a mudanças e à morte. O lance do espírito é exatamente a qualidade de ser eterno (nunca nasceu e nunca morrerá) ou perpétuo (uma alma que pode ter tido um começo, mas não tem fim).

Sim, esses conceitos variam. Estou apenas esboçando algumas ideias que já li por aí em diferentes fontes. Tão diferentes umas das outras que nem me recordo mais onde li o quê.

E por que existe tanto barulho sobre o transcendente? Apenas pela eternidade? Há outras

coisas no mundo que, mesmo que não sejam eternas, já têm durado milhares de anos, como a espécie humana. Então objetivos políticos não poderiam ser tão importantes ou mais elevados do que os religiosos?

Depende se sua concepção de mundo é materialista ou idealista. No materialismo esse pensamento pode fazer sentido, principalmente se o quesito “tempo” é considerado como um valor que irá lhe dar uma vantagem.

A grande questão do espiritualismo é que não trabalha com vantagens. Ao contrário da concepção comum, as pessoas não devem fazer o bem para ir para o céu, mas fazer o bem porque “o bem é excelente”, como diria Kant.

E não se trata de fazer o bem para uma pessoa específica ou para a espécie humana como um todo para que ela adquira mais vantagens corporais (saúde, conforto) ou mentais (sentir-se bem). Na concepção idealista, o ideal é superior ao corpo.

Mas que ideal é esse? Pode ser Deus, mas também pode ser a moral kantiana, que está acima de tudo em seu universo perfeito de razões puras (estou sendo irônica, mas nem tanto).

Portanto, eis o espírito. É difícil imaginar algo assim, pois é comum que se imagine uma alma ou espírito como um fantasma e Deus como um velho barbudo.

Talvez a alma seja mesmo um fantasma e Deus seja um velho barbudo... por que não?

Como diria C.S. Lewis, a mente humana quer que a realidade se adeque a ela e não o contrário. Então, quando nos deparamos com uma realidade que

O Espírito e a Letra na Magia

parece absurda para nossa mente, tendemos a negá-la e somente adotar como verdade o que é mais confortável mentalmente. Dessa forma, talvez tenha mais probabilidade de algo ser verdade exatamente por ser absurdo. Pois o universo não se inclina aos nossos caprichos (ao menos não em todos os momentos), mas faz o que bem entende!

Esse é um problema que nos persegue desde a Grécia Antiga. Pitágoras não admitia a existência de números irracionais. Tanto que, segundo diz a lenda, quando seu discípulo afirmou que a raiz de 2 era irracional, Pitágoras afogou-o. A ideia de as órbitas dos planetas não serem circulares (pois o círculo era considerado uma forma perfeita) também era considerado absurdo.

Como vivemos numa cultura de descartes, que tende a descartar o que não tem mais utilidade (como nossos idosos, que deveriam ser respeitados por sua vivência e sabedoria), muitos optam por passar uma navalha de Occam na metafísica (mais uma vez, a ironia) e retiram Deus e espíritos da magia, junto com tudo que é visto como supérfluo e supersticioso. Ou seja, tudo que não se encaixa na visão materialista é prontamente ignorado. E essas são as mesmas pessoas que criticam os religiosos que rejeitam tudo o que não está contido em seus livros sagrados. É o sujo falando do mal lavado.

Em especial magias que tendem a ser rápidas e eficientes, visando o pragmatismo como a magia do caos, tendem a retirar, além do espiritual, também uma boa parte da ritualística. Bem, você só deve retirar elementos de um ritual (sejam físicos ou espirituais) a ponto de eles ainda funcionarem, o que

também inclui sua experiência emocional. Um ritual que ainda funciona de alguma forma, mas que não lhe gera emoção e satisfação pode estar carecendo de um pedaço.

Novamente: a existência de um espírito num ritual não visa apenas a utilidade. É o aspecto transcendente, que gera a inspiração e uma possível força.

Muitos podem entender a necessidade humana de unir-se ao Todo. Pode chamá-lo do que quiser: Tao, Deus, Brahma, Iluminação. Seria a vontade de sair dos limites do próprio corpo, do nosso eu pequenino, e encostar no céu.

No LHP você pode tornar esse eu pequenino realmente gigantesco. São duas abordagens diferentes, mas ambas válidas.

Alguns interpretam que essa necessidade de unir-se ao cosmo é meramente psicológica e não espiritual. Para isso o espiritualismo tem uma resposta.

Usando o exemplo do budismo Theravada, há os quatro primeiros jhanas materiais (êxtase do corpo, dos sentidos), os quatro próximos jhanas imateriais (êxtase da mente) e as quatro etapas da Iluminação (quando não há mais corpo e nem mente).

Esse último seria quase o equivalente a um êxtase espiritual, mas mal pode ser chamado de êxtase, porque você não sente prazer físico e tampouco sensações sublimes na mente. É algo além.

Um materialista muito convicto pode classificar essas sensações como “estados mentais alterados particularmente refinados”. A princípio dá no mesmo, mas palavras têm poder. Atribuir um termo

O Espírito e a Letra na Magia

simbólico e forte como “espírito” pode gerar uma impressão mais forte.

A não ser que você seja daqueles que vomite quando ouve falar em Deus. Se é esse o caso, mantenha-se longe de seres espirituais ou leve um balde para onde for.

Falemos do neoplatonismo. Por muito tempo, as ideias de Platão dominaram o ocultismo ocidental, incluindo sua concepção de alma imortal e Demiurgo, encontradas em sua obra “Timeu”. Diz ele:

"Para aquele que se ocupou do gosto de aprender e de pensamentos verdadeiros, é absolutamente inevitável que nele surjam pensamentos imortais e divinos, já que se ateu ao que é verdadeiro. E tanto quanto é permitido à natureza humana participar da imortalidade, dessa condição não deixe de lado nem a mínima parte. Ao cuidar sempre da parte divina que habita em si, tenha em ordem o daimon que habita dentro de si, bem como seja particularmente feliz!"

Acredito que essa foi a ideia vigente por muito tempo, que dominou a magia tradicional. Até que alguns magistas começaram a propor alternativas: um estudo do oculto sem passar pela interpretação de Platão.

Na minha opinião, isso representa um avanço enorme. Acho injusto que apenas um só filósofo deva ter autoridade para falar. Contudo, nas épocas em que os magistas odeiam tanto certas religiões e concepções filosóficas a ponto de jogar-lhes pedras, chega a hora de retroceder uma vez mais.

Muitos se sentem aprisionados com as ideias de Deus, alma, Verdade e de um universo em que tudo já tem o seu lugar determinado. Pode chegar a ser

claustrofóbico. Para esses, há muitas outras opções disponíveis. Quem se sente mais à vontade na Ordem, poderá se encantar enormemente nesse grandioso mundo geométrico. Aos que preferem a Desordem, há um gosto de liberdade e também um preço a pagar por ela.

Tudo pode ser negociável, ou quase tudo. Pede-se apenas bom senso para barganhar.

"*Nós somos Deuses e Deus é louco*", diz Michael Kelly em seu livro "Draconian Consciousness". Estou certa de que alguns se identificarão com a sentença!

No LHP não se busca o desapego das coisas para que se torne cada vez mais apático. Pelo contrário, busca-se o fogo e os desejos. No entanto, aqueles que se desapegam também dizem sentir uma espécie de fogo queimando no peito. Então a preferência também depende do tipo de chama que você deseja que desperte em você.

Para uma crítica aos tais "mistérios teológicos", nada melhor do que citar o gênio Erasmo de Rotterdam:

"Quanto aos teólogos, talvez fosse melhor nada dizer: não é prudente tocar nem revolver o que cheira mal. São pessoas que não admitem brincadeiras e se enfurecem por uma ninharia [...] Eles se excitam quando se trata de agitar as seguintes questões importantes: Houve um instante na geração divina? Devem-se reconhecer várias filiações no Cristo? Esta proposição, DEUS PAI ODEIA SEU FILHO, é possível? Podia Deus fazer-se mulher, diabo, burro, abóbora, seixo, assim como se fez homem? Se se tivesse feito abóbora, como essa abóbora poderia pregar, fazer milagres, ser crucificada? O que São Pedro teria consagrado, se dissesse a missa quando o corpo de Jesus Cristo estivesse ainda pregado à

O Espírito e a Letra na Magia

cruzes? Pode-se dizer que então Jesus era ainda homem? Será permitido beber e comer após a ressurreição?"

Há momentos em que os estudiosos se julgam tão sérios em seus estudos (e isso inclui aqueles que estudam seriamente qualquer área, como a cabala e a astrologia) que se sentem profundamente ofendidos com piadas. Bem, teremos que refletir até que ponto levamos a nossa “ilustre sabedoria” a sério!

Voltaire também observa sabiamente:

"Disse-lhe [um padre]: 'Meu caro, não creio no inferno mais que você. Mas é bom que o creiam a sua criada, o seu alfaiate e também o seu procurador'"

Não que seja uma perda de tempo estudar teologia! Afinal, se não é uma perda de tempo escrever teses de doutorado explicando se a Capitu traiu ou não Bentinho, não vejo o que pode ser uma perda de tempo nesta vida, senhores!

As regras do jogo não são bolar o argumento mais correto e sim o mais elegante. Não se esqueça disso.

Pode-se bailar com Deus ou com o Diabo, fique à vontade. O importante é não ficar sentado e perder a festa. A diversão está só começando.

Sobre o velho dilema entre teoria e prática; bem! Provavelmente já cansei-me de falar disso?!

Por favor, dama ou cavalheiro, faça o que bem lhe apetece e não se incomode: se você sente orgasmos múltiplos trancado dentro de uma biblioteca empoeirada ao longo de toda a sua existência, lendo centenas de livros, *by all means*, faça essa merda!

Diz Hugo de São Vítor que houve um senhor que afirma ter lido mais de seis mil livros. Nos dias de hoje você receberia uma medalha somente pelo grande feito de ter lido “apenas” mil livros. Creio que

Soror Mallinatha

nos tempos antigos, quando não havia mais nada para fazer além de ler e rezar, não admira que a leitura de alguns milhares de livros fosse coisa trivial. Se uma parcela maior da população fosse instruída naquela época, imagino que uma biblioteca teria mais filas que uma sessão de cinema em dia de estreia nos dias de hoje.

Mas, espere: não despreze o cinema, os jogos ou qualquer diversão contemporânea! Elas também são belas. Eu admiro a arte contemporânea, a arte de meu tempo, de que muito me orgulho! Acho inútil manter essa fantasia de que tudo que se fazia no passado era melhor ou mais nobre. Esse é o tipo de má vontade que pessoas mal agradecidas podem expressar: por que não se alegrar na época em que vivemos, com os costumes de nossa época e de nosso país?

Há essa mania de achar que a grama do vizinho é sempre mais verde (mesmo que seja a grama de um vizinho de mil anos atrás!). Quero ver se você precisasse ir ao dentista, se ainda acharia os tempos antigos assim tão sublimes, meu amigo.

Cada época com seus problemas, cada tempo com suas virtudes, e que cada burro cuide de seu rabo!

Pode ser que você odeie ler, e eu respeito isso. Você tem todo o direito de não gostar de fazer alguma coisa. Eu gosto de ler, mas há diversas coisas que não me agrada fazer, então como julgar? Eu não tenho paciência para tentar arrumar meu computador e consertar os erros quando ele pifa, então acho justo que para alguns segurar um livro não seja diferente de meter as mãos no fogo.

O Espírito e a Letra na Magia

Para essas pessoas há várias alternativas úteis para estudo, como debater temas de interesse com amigos em uma mesa redonda. Há, evidentemente, vídeos e documentários. Enfim, vivemos num período bom para buscar essa diversidade de opções.

Por outro lado, são muitos os que afirmam que ler é inútil, pois ler seria apenas a “mera teoria”, a letra, e o espírito só se encontraria na prática. Imagino que as pessoas que afirmam isso nunca leram um livro que lhes tocasse o coração bem fundo, a ponto de massagear o espírito.

Realizar atividades como meditar ou evocar espíritos seria o que geraria um grande êxtase em certos magistas. Não há dúvidas de que tais práticas são belas e elevadas, mas devo lembrar que a letra também possui o espírito escondido.

Muita gente só realiza aquilo que lhe faz sentir emoções poderosas. Especialmente prazeres rápidos, que tocam o corpo, como comida, sexo e drogas. Não incluirei a música na mesma categoria, ou algumas pessoas ficarão zangadas. Quem sabe o problema seja, em primeiro lugar, essa mania de dividir as coisas em categorias.

Ademais, quem disse que os tais prazeres do espírito são superiores aos do corpo? A questão é mais simples: os prazeres da mente (como realizar uma jogada inteligente de xadrez ou ter a alegria de resolver um difícil problema de matemática) já estão esquecidos por muitos. Então, nessa era da razão, êxtase espiritual foi deixado de lado ainda mais.

Eu tenho uma simpatia incorrigível por coisas que foram deixadas de lado. Pode curtir os prazeres do corpo e da mente à vontade, viva como quiser e não

permita que ninguém lhe ordene como deve viver. Só você sabe melhor de sua própria vida.

Ainda assim, sugiro que não se esqueça daquela parte espiritual em nós. Mas há quem diga que isso é uma mera superstição, que essas coisas de espírito são irreais, imaginárias, alucinações.

Pode ser que alguns afirmem que coisas como amor também sejam alucinações, então não vou discutir. Quem sabe os materialistas precisem de uma nova definição de espírito que caiba em seu pequeno universo onde apenas a matéria é a Verdade.

Espírito pode ser tido como um desejo sincero de se unir ao Todo. Não a busca do prazer da união, mas da paz, da realização. Ou, aquela palavra belíssima: bem-aventurança.

Pode ser que alguns afirmem: apenas o espírito é Verdade e matéria é mentira. Então passam a chicotear seu corpo, considerado sujo e impuro. Devo dizer que eu particularmente não recomendo essa abordagem, a não ser que você se sinta estranhamente realizado num mundo assim.

Dar prazer ao corpo ou maltratar o corpo podem ser dois lados da mesma moeda, em busca de uma catarse do corpo, da matéria. Para alguns isso pode levar a uma catarse da mente ou da alma.

Como posso responder a isso? Julgá-los com a minha percepção limitada da realidade? Só tenho a mim e a minha própria vida como base, então como serei capaz de entender a escolha das pessoas? Não me julgo capaz disso.

Não leve tão a sério as recomendações e sugestões que dou nesse livro. Não vivi tanto assim, não fiz

O Espírito e a Letra na Magia

tantas coisas, não sei tanto sobre o mundo como você porventura possa pensar.

Eu conheço sobre aquilo que vivi e mesmo aquilo que experimentei é constantemente reinterpretado.

Mesmo assim, considero-me muito feliz por ter o privilégio de me comunicar com você, querido leitor. Tenho meus próprios preconceitos, que derramei ao longo dessas páginas, mas um dia quem sabe eu faça melhor, saiba melhor, enxergue mais longe, embora esse não seja meu objetivo máximo. Não sei se quero ter um objetivo máximo.

Prefiro acreditar que esse processo seja algo natural e não forçado, assim como me lembrou o mestre Samyak. Vamos fazendo as coisas pequenas, com amor, com diligência. Alguns podem até fazer coisas grandes com paixão descontrolada, até com uma certa dose de sentimentos fortes que estão muito longe de ser amor. Mas até mesmo isso é necessário, aprendizado, caminhada, vivência, realização.

E agora, qual será nosso próximo passo? Convido-os a retornar um pouco para o universo da filosofia, para que possamos compreender alguns conceitos com mais calma e refletir sobre eles.

Capítulo 4: Monte seu castelo

Alguns preferem um terreno seguro de lógica sobre o qual construir sua morada, enquanto outros optam por montá-la nas nuvens ou sobre a lava de ferozes vulcões. Não importa tanto se escolha a razão, a alma ou a emoção como morada, contanto que seja um bom anfitrião e receba os outros convidados que compõem sua psique de tempos em tempos.

Não somos uma coisa limitada, mas uma existência complexa de múltiplas dimensões. Por isso, ao construir sua casa não ache que haverá sempre Sol. Lembre-se de construir uma edificação com material forte, capaz de suportar os vendavais de sua fúria que poderão balançar a casa de tempos em tempos. E na chuva de suas lágrimas você precisará de um teto bem construído para não ficar molhado e pegar um resfriado.

Amadurecer não significa deixar de sentir tristeza, ódio, vazio ou arrependimentos. Significa simplesmente aceitar que isso é o ser humano e preparar previamente seu coração para a tempestade.

A vida não é simples e leve, sempre repleta de corações e rosas. Há rosas, sem dúvida, mas provavelmente não é nesses momentos que aprendemos mais sobre a vida. Geralmente aprendemos mais na dor.

Isso não significa que devemos convidar a dor por vontade própria e servi-la um chá. Será suficiente

O Espírito e a Letra na Magia

apenas seguir vivendo, mas matendo a vigilância. Você não convidará a dor para entrar, mas tampouco irá colocá-la porta afora quando ela vier.

Também não precisa ser neurótico e permanecer sempre ansioso: “Que convidado será que virá a seguir?”. Bem, não importa. Até a madame morte não parece assim tão sombria após recebermos tantos convidados macabros, famintos e encharcados de chuva.

Irei propor refletirmos agora sobre certas ramificações da filosofia, pois podem constituir tijolos seguros com os quais você irá iniciar sua construção. É óbvio que você pode utilizar tijolos de outras naturezas, como tijolos científicos, matemáticos ou teológicos. E tantos mais! Mas inicialmente vamos nos ater a esses exemplos e com eles você terá uma boa base sobre como proceder com o resto.

Há quem diga que é com a lógica que tudo se inicia, mas anteriormente já falamos dela. Não é preciso acreditar que existe apenas um sistema de lógica (como o de Aristóteles) que constitui o único correto e todas as outras formas de pensar estão erradas.

É útil estudar a lógica formal da antiguidade, mas crer que esse sistema é o único seguro seria incorrer numa limitação.

Há também os espertinhos que afirmam que um sistema de lógica correto deve ter a matemática por base. Mas essas são as mesmas pessoas que acreditam que a matemática é alguma espécie de Deus. Com exceção de Pitágoras e de umas poucas escolas, não me lembro de outras religiões que tenham chamado

Deus de Senhor Matemática. Podem até considerar a geometria sagrada, mas acho meio precipitado afirmar com convicção que os números são a Verdade e tudo que existe fora deles é mera especulação.

E qual será a “estética” do seu castelo? A beleza é importante. Com o que você quer que ele se pareça? Será que a sua morada seguirá o conceito de “arte pela arte” ou terá alguma finalidade ou simbolismo?

Pode ser que você faça seu castelo seguindo formas geométricas calculadas, para representar algum elemento significativo para você. Também pode usar alguma cor que lhe remeta a uma ideia. Ou simplesmente pintar como lhe aprouver, usando sua intuição ou emoção do momento.

Todas essas concepções são válidas. Pode até tentar montar um castelo “feio” para desafiar os padrões de beleza.

E qual é a “utilidade” de se ocupar disso? Novamente, nem sempre as coisas possuem uma finalidade. Uma mulher (ou um homem) pode optar por se maquiar e se arrumar não porque está tentando conquistar alguém, mas apenas porque se diverte fazendo isso, assim como outra pessoa pode tricotar apenas pelo prazer de tricotar e, no final do dia, desfazer o que começou.

É possível que a existência siga esse princípio. Acumulamos um monte de conhecimentos e depois morremos. “Então, qual o sentido de viver e aprender se morremos depois?” alguns podem se perguntar. Não precisa haver necessariamente um sentido, uma finalidade. Apenas girar a roda, manter o movimento, pode ser bom o bastante.

O Espírito e a Letra na Magia

Alguns afirmam que o sentido da existência é “evoluir espiritualmente” de forma a nos tornarmos cada vez mais gentis. Pode ser. Ou também pode não ser.

Nunca gostei muito do termo “evolução espiritual”, pois é como se houvesse uma escadinha e somente avançássemos. Na prática, nós caímos em diferentes momentos da vida, paramos, retrocedemos. Para mim, esse tal avanço (se pode ser mesmo chamado de avanço) está mais para uma espiral ou um emaranhado de rotas que se confundem.

A “Verdade” pode até ser um todo ordenado. Ou um completo Caos. Não sabemos.

Os ocultistas adoram encaixar tudo na cabala e dizer “Vejam, eu estou nessa esfera de emanção da Árvore da Vida” e usam isso como preconceito para julgar os outros, afirmando coisas como: “Você é ateu, então se encontra um pouco mais embaixo que eu!”.

Eu considero o estudo da cabala muito útil e proveitoso, mas contanto que usado como auxílio e não como instrumento para julgar e encaixar as pessoas em categorias.

Como é que você vai saber se o tal ateu está mesmo abaixo de você? (se é que existe mesmo essa história de pessoas divididas numa hierarquia espiritual, numa pirâmide de classes discriminatória). Pode ser que ele esteja muito mais avançado em áreas que você deixa a desejar.

Para mim, cada ser humano tem suas qualidades e defeitos e é difícil dizer que uma pessoa está acima de outra em termos absolutos. Usando critérios

relativos, talvez possa ser afirmado que “tal pessoa sabe mais essa área da história do que essa outra”, mas acho altamente duvidoso quando se escolhe um critério aleatório que passa a ser usado como termo absoluto para classificação, enquanto todo o resto é deixado de fora.

É a velha história dos bons e dos maus. É preciso ser razoável. C.S. Lewis nos lembra que a religião cristã, por exemplo, não foi feita para os inteligentes e bondosos e sim para os maus e pecadores. A velha história da ovelha perdida: é exatamente o assassino, o mendigo, o fraco, que é buscado pelo cristão, para ser ajudado.

“Isso na teoria, na prática eles mandam os maus arder no inferno” você me diz. Bem, é claro que existem praticantes ruins em qualquer religião. Alguns, por exemplo, acusam o satanismo, ou o LHP em geral, de ser elitista, pois ele louvaria os fortes, os poderosos, enquanto um fraco e covarde não teria vez nesse sistema.

“Mas não é bem assim” diz o satanista “já que o fraco e covarde poderá vir, adquirir confiança e se tornar forte”. Ora, se esse raciocínio é válido para o satanismo, poderá ser válido para outras religiões.

Não me canso de repetir: em geral o problema não está numa religião específica, mas em praticantes específicos de qualquer religião. Pessoas agradáveis e desagradáveis existem em qualquer lugar.

Quando começamos a debater e quantificar se costuma existir um maior número de pessoas agradáveis nessa ou naquela religião, acho melhor não prosseguir. Esse tipo de pensamento

O Espírito e a Letra na Magia

inevitavelmente dá origem a preconceitos de todo tipo.

E já que estamos seguindo essa via, falemos de ética. Há muitos critérios diferentes para desenvolver um sistema ético, mas em geral ele se baseia numa ontologia. É precipitado dizer que se deve fazer coisas certas e evitar coisas erradas quando ainda não se definiu o que é certo e errado.

Muitos afirmam que naturalmente nós sabemos que existe o justo e o injusto. E que apesar de a moral variar de uma cultura para a outra de acordo com os costumes, a ética permanece absoluta e inviolável.

Não sei. Faz um pouco de sentido, mas essa questão também está aberta a contestações. Adote a visão que lhe aprouver.

E como alguém adota uma visão, dentre as muitas opções disponíveis? Em primeiro lugar, seria sábio pesquisar sobre as diferentes visões. Você nunca conseguirá ler sobre todas, mas vale a pena ao menos se inteirar das mais famosas. Digamos, pelo menos cinco.

Dentre essas cinco, escolha a que lhe pareça mais lógica, a que mais toque seu coração, a mais elegante, mais bonita ou “mais” qualquer coisa. Ou quem sabe você opte por escolher a visão mais ilógica e feia, para desafiar a si mesmo.

Quando já tiver lido sobre umas vinte visões diferentes, pode ser que nasça em você o desejo de criar sua própria concepção da ética, baseando-se nos seus sistemas favoritos.

Agora, passemos para a política. Como é a cidade em que você construiu seu castelo? É uma monarquia

Soror Mallinatha

parlamentarista? Você é o rei? É o único habitante da cidade ou há outras casinhas por lá? Se sim, como você desejaria governar?

Imagine que os habitantes sejam seus sentimentos. Você deseja dar condições iguais a todos, tanto ao ódio quanto ao amor? Ou irá recompensar o amor com honrarias e punir o ódio, enviando-lhe para ser escravo do amor?

Recentemente tive um debate sobre política. Geralmente eu não gosto desses debates, pois a tendência é que as pessoas tenham opiniões fortes e defendam ardentemente suas posições. Isso porque toca num ponto muito pessoal, que é trabalho e dinheiro. O valor de sua profissão, quanto você ganha de salário e os direitos que você merece pelo seu serviço à sociedade são todos temas muito delicados.

É costume que as pessoas falem muito sobre direitos, mas falem pouco sobre deveres. É muito raro que alguém deseje fazer um serviço para “ajudar a sociedade”. O serviço é feito visando-se a recompensa pessoal.

Não que exista algo errado nesse pensamento. Não vou dizer que está errado, pois o próprio sistema em que vivemos, o capitalista, alimenta esse raciocínio.

Tampouco posso afirmar que o capitalismo esteja inteiramente errado. Longe disso. Ele tem várias vantagens. Tem funcionado até hoje de forma torta, mas tem funcionado.

Acredito que a sinceridade seja uma qualidade bem importante. Nós, humanos, apreciamos o prazer, o conforto, o lazer. Gostamos de ganhar

O Espírito e a Letra na Magia

dinheiro, comprar coisas que gostamos. Não há nada de vergonhoso em admitir que gostamos de ganhar dinheiro e de gastá-lo em coisas aparentemente supérfluas.

Acho precipitado condenar alguém, julgar essa pessoa, dizendo que preocupar-se com dinheiro é “errado” e que devemos ansiar por uma vida de desconfortos.

Como em tudo, é preciso ter um equilíbrio. E, mais uma vez, o equilíbrio de cada um é diferente.

Pode ser que para um ser um milionário seja um equilíbrio, enquanto para outro largar todas as posses e viver no meio de uma floresta seja sua noção de equilíbrio.

“O problema é quando a voracidade financeira de uns prejudica uma maioria” argumentam alguns, dizendo que a doença existe no próprio coração do sistema capitalista, ao colocar o dinheiro como objetivo máximo.

Bem, talvez. Outros propõem que o socialismo seria uma possível solução, pois o dinheiro não seria o objetivo máximo nesse sistema e sim a sociedade.

No entanto, para mim o problema pode ser de outra natureza. Tanto capitalismo como socialismo se baseiam no materialismo. E no materialismo o transcendente é deixado de lado. Mas como muita gente sente uma necessidade de espiritualidade, acabam adorando novos Deuses quando se retira o Deus religioso.

No capitalismo, o novo Deus passa a ser o Deus Dinheiro. As pessoas visam o dinheiro em busca de liberdade e segurança. É isso que as deixa

Soror Mallinatha

confortadas, com paz mental. Não é mais a Igreja que dá paz.

“Só me sentirei livre quando eu tiver dinheiro suficiente para a cada ano viajar nas férias para um país diferente” dizem alguns. “Só me sentirei seguro quando eu tiver dinheiro suficiente para comprar uma casa num bairro seguro, ou num país seguro, que tenha grades altas, cerca elétrica e quem sabe eu guarde uma pistola na gaveta para garantir” observam outros.

Então esse se torna o novo critério de liberdade e segurança: dinheiro. Enquanto não conseguem dinheiro suficiente para viver com segurança, conforto e prazer, as pessoas ficam ansiosas, preocupadas, não dormem tranquilas, sempre aguardando alguma surpresa desagradável no dia seguinte, como um ladrão que roube o carro que ele ainda não terminou de pagar.

Há quem diga que esse tipo de adrenalina é o que dá diversão para a vida, como viver observando as ações da bolsa de valores. Como um jogo em que se quer ser o vencedor.

No entanto, não são poucos os que conheço que não se sentem plenamente à vontade com esse jogo, com essa competição. Há competições saudáveis, é claro. Nem todas as competições são ruins. E no fundo, ninguém precisa se sentir “competindo” com ninguém, se não desejar ver dessa forma.

Num sistema socialista em que seu vizinho não é muito mais rico que você, talvez você se sinta mais aliviado e menos pressionado para ter sucesso financeiro. Porém, no socialismo existem problemas

O Espírito e a Letra na Magia

de outras naturezas. Por exemplo, o novo Deus pode se tornar o ditador, que passa a ser adorado.

Tendo isso em vista, quem sabe uma possível solução fosse criar um novo sistema político que não tivesse como base o materialismo, mas o espiritualismo?

Evidentemente essa não seria a solução mágica para todas as questões, pois surgiriam novos problemas. Para começar, esse sistema não precisaria seguir uma religião específica, mas somente um ideal de divindade ou de transcendência, então não sei como seria feito.

Num suposto sistema socialista ajudar a sociedade ou ajudar os outros teria fins pragmáticos: ajudar porque quanto mais gente tem educação e trabalha, mais a sociedade cresce, etc. Ajudar porque o “objetivo da vida” seria material, ter conforto, prazer e lazer.

O básico é que as pessoas tenham o que comer, onde morar, que tenham o que vestir, que tenham acesso à saúde. Mas e depois? Vivemos apenas pelo corpo? Quando o objetivo é somente o corpo, depois que conquistamos o básico para nos manter vivos, queremos ter um sofá mais confortável, comer comida mais cara. E acaba sobrando menos para os que têm pouco.

Então essa seria uma contradição existente no coração do próprio materialismo, não importando se o sistema é capitalista ou socialista.

Vamos montar uma utopia aqui: um mundo espiritualista, em que a religião é o centro de tudo; o espírito e não a matéria.

Soror Mallinatha

Após os nossos cidadãos espiritualistas conquistarem o básico: comida, roupa, lar e saúde, eles não irão buscar mais conquistas materiais além do básico (sério?). Dedicarão o resto de suas vidas para conquistas espirituais: orações, meditações, leituras de livros sagrados. Inflamarão cada vez mais sua alma com espírito. E assim sobra mais para que todos possuam o básico para o corpo.

Afinal, enquanto o materialista busca segurança e liberdade nas coisas externas (no dinheiro, na saúde), o espiritualista tem seu refúgio numa realidade transcendente e que está além do corpo. Mesmo quando ele passa por certas dificuldades lá fora ele se sente confortado, seguro e livre. Dessa forma tem paz mental.

Como eu acabei de dizer, isso é apenas uma utopia, mas é um raciocínio que teoricamente funciona. É irreal achar que num sistema materialista, após se ter o básico que se precisa para viver, as pessoas irão parar de consumir. O que elas farão quando estão entediadas? Podem se dedicar a diversões baratas, como ler livros de literatura, jogar bola ou dominó.

No entanto, sempre que se sentem tristes ou entediados, não irão procurar o espírito. Acharão que um maior prazer corporal irá saciar sua tristeza, seu tédio.

Enfim, essa é apenas uma ideia que deixo para reflexão. Não aponte a solução maravilhosa que salvará o mundo. Provavelmente algo assim nunca existirá, até porque cada pessoa é única e busca coisas diferentes. A intenção não é criar robôs.

O Espírito e a Letra na Magia

O mais importante é haver diálogo para que diferentes ideias sejam ouvidas. Até mesmo nossas leis estão baseadas no materialismo e no utilitarismo. Sendo assim, há certas limitações inerentes ao materialismo (e note que digo materialismo e não capitalismo) que só poderão ser superadas quando o raciocínio básico for modificado.

Não estou dizendo que o materialismo é o Diabo. Estou apenas afirmando que tampouco é Deus.

Falemos agora da epistemologia. O que é possível conhecer? Coloquei uma questão parecida com essa no início do primeiro capítulo: podemos ter certeza de alguma coisa?

Sinceramente? Provavelmente não. Esse seria o pensamento cético; ou realista, dizem alguns.

Se não podemos saber nada com certeza, por que estudar? Bem, dizem os religiosos que apesar de nossa razão e de nossos sentidos serem imperfeitos e às vezes nos enganarem, eles nos dão “pistas” da Verdade.

A ciência, por exemplo, não serve para conhecer a verdade, mas as teorias são montadas tendo objetivos práticos, aplicações no mundo material. Dessa forma, elas são úteis, pragmáticas.

As pessoas podem ter vislumbres de um possível sentido em diversos lugares: através de êxtases místicos, ao ajudar uma pessoa, ao estudar filosofia, teologia ou outras coisas.

Nesse momento sempre haverá alguém para dizer: “Não fique apenas lendo, pratique, saia por aí para ajudar alguém ou tente sentir o divino na natureza, numa meditação, etc”.

Soror Mallinatha

Mas esse conselho é útil somente para uma pessoa que fica enfiada numa biblioteca e nunca sai da realidade dos livros. Como esse não é o caso da maioria de nós, esqueça o conselho acima e vá ler. Sério.

Depois que tiver estudado o suficiente e sua mente se abrir, será o momento de dar atenção ao referido conselho. Antes disso, não saia apenas por aí sem rumo, pois o coração de alguém pode ser poderoso, mas com uma sabedoria fraca para lhe guiar, será apenas um “tolo bom”.

“Mas a sabedoria não está apenas nos livros” afirmam outros. Obrigada pelo “apenas”. Sim, ela está em outros lugares também, mas certamente há parte dela nos livros. Pois livros foram escritos por pessoas. Ler é como conversar e refletir sobre os mais variados temas.

Ainda bem que existem “livros sagrados” pois isso prova que até mesmo religiosos admitem que ler pode ser uma atividade espiritual que confere sabedoria.

Chega de preconceitos contra livros! Já existem argumentos suficientes contra a atividade da leitura, pois é muito conveniente montar um argumento que nos livre do dever de ler e nos desvie para outros rumos.

Há outros caminhos belíssimos, mas para mim livros sempre serão insubstituíveis. O ideal é que se leia ao menos um livro por semana. Quem realmente não tem tempo, deve ler ao menos um livro por mês e não menos que isso. Ler menos que doze livros por ano é muito pouco.

O Espírito e a Letra na Magia

E número de livros importa? A qualidade deles não é mais relevante? Certamente a qualidade do livro e o entendimento da leitura é mais relevante que o número de livros. Mas não use esse argumento como desculpa para ler apenas um livro por ano.

Dizer que número de livros é menos importante que outra coisa, não significa que números não importam. Na verdade, números são um bom critério, quando não se tem um melhor, então persista nisso.

Agora chega de falar de livros e vamos explorar a metafísica. Creio que precisaremos de um capítulo à parte, pois esse assunto será longo.

Capítulo 5: A metafísica do seu reino

Aí está seu maravilhoso castelo, imponente e magnífico, com seus vitrais brilhantes, seus labirintos epistemológicos e suas salas escondidas repletas de conchinhas ontológicas. Vamos explorá-las?

Alguns podem se sentir desconfortáveis com o simbolismo de um castelo, que representa opulência material, mesmo se tratando de uma realidade espiritual. Cara, se isso realmente te incomoda, não hesite e substitua seu castelinho por uma bela e aconchegante caverna, sem problema algum. Também pode haver um grandioso mundo lá dentro.

Muitos já devem estar familiarizados com o conceito de Templo Astral. É mais ou menos isso que estamos fazendo.

A intenção é que ocorram primeiro mudanças internas antes que se deseje alterar a realidade lá fora. Muitos magistas valorizam mais os poderes psíquicos e a eficácia de feitiços do que a mudança interna e a espiritualidade. Mas a mudança interna e externa são complementares e podem ocorrer conjuntamente. Não são antagônicas.

Não vou me cansar de repetir: não precisa ver espírito como superior à mente e mente como superior ao corpo. Para todos os efeitos, os três se complementam. Se dou ênfase no espírito ao longo desse livro é porque na atualidade existe tendência a focar no corpo, então é necessário restabelecer o equilíbrio. Eu insisto!

O Espírito e a Letra na Magia

Agora que isso já está esclarecido, penetremos na densa floresta da metafísica. Muitos acham que especulações metafísicas não servem para nada, mas eu não diria isso. Se você também acha que literatura e arte não servem para nada, não vale a pena iniciarmos essa discussão.

Antigamente havia as Sete Artes Liberais, cujo intuito era educar o ser humano e não ter alguma utilidade. O atual sistema educacional visa a aplicação prática, a técnica. Então é difícil, nos tempos de hoje, explicar porque vale a pena refletirmos sobre questões que não servem para plantar alfaces.

Começemos então com um tema quente: Deus. Há diversos argumentos clássicos contra e a favor da existência de Deus, mas irei percorrer apenas aqueles que mais me interessam.

Você deseja inserir Deus no seu Templo Astral? Pode ser que o ache um pouco fora de moda, ou as cores do seu castelo não combinam com um ser invisível. Bem, fica à sua escolha.

Um dos argumentos mais elegantes a favor da existência de Deus é o argumento ontológico de Santo Anselmo. Ele é puramente lógico, a priori, e é exatamente aí que reside sua beleza.

Imagine um ser o qual não exista nada maior. Se você imaginasse uma maçã, ela passaria a existir no seu pensamento. No entanto, uma maçã é mais excelente, e portanto maior (mais elevada, mais sublime) se existir tanto no entendimento quanto na realidade, certo? Então um Deus que existe tanto no pensamento quando na realidade é maior do que um Deus que existe somente no pensamento. Ora, como

Soror Mallinatha

Deus é o ser o qual não existe nada maior, Deus existe.

Muitos não gostam desse argumento, incluindo São Tomás de Aquino. É um joguinho de lógica bem safado. Mas esperto. Há bons argumentos para refutar esse pensamento, mas ele nunca foi completamente quebrado. Até hoje, ninguém sabe exatamente onde ele teria falhado.

Lembre-se que eu gosto da metafísica do David Lewis, que justifica a existência de unicórnios e dragões. Então é lógico que eu vou apreciar o joguinho espartalhão do Santo Anselmo.

No entanto, para mim não existe argumento superior ao argumento moral de Kant. Para mim, ele é quase infalível. E mesmo que todos os lógicos do mundo provem onde Kant errou, para mim isso é irrelevante, porque o argumento é *belo!* (ou eu poderia dizer, *moralmente belo!*) Bem, certas pessoas levam mais em conta a estética do que a lógica de um argumento! Outros levam em conta a sagacidade e elegância.

Relembrando: o mais importante não é sempre provar o que é Verdade, até porque isso é quase impossível. O mais importante é ter ferramentas metafísicas poderosas sobre as quais construir uma teoria que mesmo que não seja totalmente inteligente e à prova de falhas, contenha um brilho especial.

Se alguém me perguntar se acredito em Deus, há a ótima observação de Robert Anton Wilson para tirar da cartola, citando Gribbin: “Nada é real, tudo é real”.

Ou seja, se acredito em unicórnios e dragões, Deus também pode existir nesse mundo. Nesse sentido, eu acredito que tudo e qualquer coisa existe e

O Espírito e a Letra na Magia

tem direito de existência. Em outros momentos sou tão cética que duvido até de minha existência, mas não sou Descartes ou Berkeley: nesse instante, tudo desaparece, como a chama da existência de Buda.

Mas eu não me considero agnóstica como RAW. Nunca me considerei. Também nunca me considerei ateuista. E em nosso mundo materialista atual o ateísmo está tão na moda que sinto uma extrema vontade de ser idealista e teísta, exatamente porque hoje em dia manter essa posição ontológica é considerado absurdo e eu adoro construir ferramentas filosóficas para justificar argumentos aparentemente absurdos e difíceis.

Então eis que posso clamar: “Sim, eu acredito em Deus”. Mas o que significa o termo “acreditar”? Segundo o argumento de Santo Anselmo e Kant, eu poderia dizer que Deus possui existência lógica e moral. Mas dizer algo assim implicaria que estou de certa forma embaraçada a admitir que tenho “fé”.

Eu adoro os termos “crença” e “fé” porque os materialistas e cientistas parecem se sentir muito embaraçados de usá-los e eu adoro deixá-los embaraçados.

Então se é esse meu jogo, vou deixá-los totalmente encabulados seguindo adiante! Muita gente que diz acreditar em Deus, logo em seguida acrescenta: “Mas não acredito num Deus pessoal, é num sentido mais panteísta, do tipo: Deus é o Todo!”

Acho muito bonito isso. De fato, você pode acreditar no que quiser. Não precisa moldar suas crenças para agradar alguém.

Soror Mallinatha

“Eu não acredito no Deus irado do Velho Testamento!” clamam outros, indignados. Eles preferem um Deus bondoso, apenas um mundo em que exista o perdão e o céu, sem Diabo, inferno ou pecados.

C.S. Lewis chama essa concepção de “cristianismo água com açúcar”. Bem, não vou julgar! Quem sou eu para julgar as crenças de alguém, não é mesmo?

Eu particularmente não vejo nenhum problema no Javé judeu, no Deus cristão ou no Alá muçulmano. Para mim o problema não está no Deus, na religião e nem nos livros sagrados. Está na cabeça de certos praticantes, mas isso não diz respeito a uma religião específica, já que há idiotas religiosos, idiotas cientistas, idiotas defensores dos animais, dentre muitos exemplos possíveis. Você pode pensar na área mais nobre do mundo, sempre haverá um idiota.

E, para sermos justos e não nos julgarem de mexeriqueiros, vamos clamar juntos em alto e bom som: “Eu também sou um idiota!!!”. Pois se é para falarmos mal de alguém, vamos deixar claro que não estamos nos excluindo do processo.

Um dia eu deveria escrever um manual chamado: “Como ser uma pessoa ridícula com classe”, pois tenho experiência nisso. Afinal, se é para ser ridículo, que façamos isso com alguma graça e elegância.

No entanto, eu ainda tenho certo caminho para percorrer e me elevar mais na Árvore da Estupidez, e até ter atingido o Sagrado Kether Stupidus, ainda não me considero apta a escrever um manual tão elevado.

Então já que ainda não consigo falar desses assuntos, falemos de outro mais simples: o

O Espírito e a Letra na Magia

argumento clássico contra a existência de Deus, que é o argumento do mal.

Tido como um dos argumentos mais fortes, sou da opinião de que Leibniz refutou-o com facilidade em sua Teodiceia. Diz ele:

"No Universo não apenas o bem é superior ao mal, mas também o mal serve para aumentar o bem"

E Leibniz, além de defender a existência de anjos e demônios, também defende a existência de alienígenas. Então eu gosto dele. Diz Leibniz:

"Não se conta entre as desordens a desigualdade de condições, e o Sr Jaquelot tem razão ao perguntar, àqueles que queriam que tudo fosse igualmente perfeito, por que as rochas não são coroadas de folhas e flores, por que as formigas não são pavões"

Realmente; diante da pergunta “por que existe o mal?” creio que seria muito mais relevante perguntar: “por que será que as formigas não são pavões?”. Certamente você deve se perguntar isso todos os dias.

Os humanos estão eternamente insatisfeitos. Dê-lhes vida eterna, elimine o mal do mundo e ainda assim eles vão encontrar algo para se queixar. Dirão: “Deus não existe porque as formigas não são pavões, CQD”.

Já existe aquela bola de fogo, aquele tal de Sol, tem até a tal Lua, tão bela. E as pessoas ainda se queixam, mesmo com essas bolas tão bonitas lá no alto. Há também as bolas que ficam embaixo, que são ainda mais bonitas. Não são provas suficientes da existência de Deus? (“OK, agora me convenceu” você me diz; e de repente entende tudo).

Soror Mallinatha

Por isso eu simplesmente acho inútil usar qualquer argumento parecido com esse para provar se Deus existe ou não existe.

Via de regra, não é possível provar a existência ou inexistência de Deus pela lógica. É uma questão de fé. Mas filosofar sobre Deus é divertido, por algum motivo (para emputeecer as pessoas?).

Agora vamos filosofar sobre a existência. Nosso mundo existe? Nós existimos? Existem outros mundos?

Já expliquei a posição de Lewis, mas há outra posição muito interessante, de Colin McGinn e Alexius Meinong, que “alegremente” admitem a existência de objetos não existentes, como o triângulo quadrado.

Na minha humilde opinião, não vejo nenhum problema na existência de um triângulo quadrado e irei apoiar qualquer filósofo que tentar justificá-lo ontologicamente.

Que tal encher o seu castelo espiritual de quadrados redondos? Seria adorável.

Cá entre nós, num mundo em que existem até quadrados redondos e triângulos quadrados, qual o problema da existência de um Deus ali no cantinho?

“Só se ele ficar ali bem quietinho sem incomodar” você me diz, porque está louco para colocar um triângulo quadrado na porta de entrada do seu castelo.

Bem, agora que já concordamos com a existência de objetos não existentes, passemos ao próximo tópico...

“Espera, você ainda não me convenceu disso!” você clama.

O Espírito e a Letra na Magia

E eu clamo: “Você evoca o demônio toda noite e ainda duvida da existência dos retângulos triangulares? Meu filho, a sua imaginação está bem ruinzinha”.

Optarei por não falar sobre o problema dos universais e a respeito da teoria de causação de Hume, pois já debati esses tópicos em outros lugares. Então passemos para a questão do tempo.

No momento não importa tanto o que Einstein disse sobre o tempo, pois aqui o debate é filosofia e não ciência. Serei inclusive ousada o suficiente para dizer que pode ser que no futuro a teoria de Einstein seja substituída por outra mais útil, mas as teorias de filosofia sempre permanecem porque se baseiam não no empirismo e na matemática, mas na lógica.

Sim, há uma parte da lógica baseada na matemática, mas eu não disse que iria usá-la.

Note que aqui não estou produzindo filosofia de forma rigorosa. É inclusive uma teoria salpicada de teologia. Mas eu gosto que seja assim: uma lógica com um pouco de espírito, que não seja somente um cadáver.

Alguns tomam o tempo como absoluto, outros como relativo. Há diferentes formas de falar sobre o tempo, tal como o tempo psicológico.

Acredito que todos nós já experimentamos isso: quando passamos por uma situação agradável o tempo passa rápido, e em uma situação desagradável o tempo passa devagar. Parece injusto?

Pelo contrário, vejo como uma compensação, uma vantagem!

Pense comigo: quando estamos sofrendo, pelo menos há um ponto positivo: ganhamos mais tempo

Soror Mallinatha

de vida. Então em épocas de constante sofrimento, ao menos você ganhará o prêmio de possuir mais tempo disponível.

Parece triste? Alguns podem não concordar que isso seja um prêmio, mas eu aprecio ver as coisas dessa forma.

Nos momentos de meditação também é possível manipular o tempo. Em mais de uma ocasião já experimentei meditações profundas em que uma hora pareceu passar em apenas cinco minutos.

Quanto mais você treina meditação, mais aprende a controlar esses elementos, como tempo ou espaço. Outra forma de encarar essa questão é que você perde cada vez mais sua necessidade de controlar as coisas. Quando deixa essa mania de lado, as coisas acontecem com muito mais naturalidade e leveza. Você apenas observa sem julgar e aprende como gira a roda do tempo, sem ser tão completamente dominado por ela.

Isso lembra bastante o taoísmo: wu wei, ação pela não ação.

É claro que é muito mais fácil lançar um sigilo ou servidor para que o mundo externo se dobre aos seus pés como bem entende. Mas eu particularmente prefiro antes disso ter a paciência para esperar os acontecimentos e entender o que eu realmente desejo.

Aos poucos eu começo a entender que eu não precisava tanto assim daquela magia que eu achava que precisava. Então passo a fazer feitiços cada vez menos, já que as coisas lá fora começam a me incomodar pouco.

O Espírito e a Letra na Magia

Com o tempo, até a turbulência da sua mente já não é tão problemática. Há momentos em que ela é apenas um lago límpido.

No entanto, é ilusão acreditar que as coisas sempre ficarão assim, que se resolverão sozinhas e que sua mente permanecerá sempre em paz.

Tempo e dinheiro parecem estar sempre em falta no tempo em que vivemos. Mas muitos se esquecem que falta tempo exatamente por causa do dinheiro. Quando direcionamos nossos esforços apenas para obter dinheiro, quando o obtemos queremos gastá-lo em diversões caras (e muitas vezes inúteis, embora o conceito de útil e inútil seja relativo) que tomam tempo.

Não falta tempo a quem sabe administrá-lo. De modo análogo, não falta dinheiro a quem sabe administrá-lo (mas essa segunda afirmação é hipotética, pois já conheci várias pessoas com tempo disponível e que sabem administrá-lo bem, mas parece que mesmo os mais ricos sempre acham que falta dinheiro!).

Em suma, em seu reino você pode estabelecer que o tempo caminha em espirais, às vezes anda para trás ou para frente, ou até mesmo dá pulinhos. Seu reino pode mergulhar em diferentes dimensões espaço-temporais conforme a vontade.

Agora falemos do livre-arbítrio. Existe destino ou somos livres? E isso faz diferença?

Eu adoro a ideia de que existe um destino, exatamente porque ela é extremamente impopular. Muitos se sentem presos com essa ideia. Outros podem se sentir livres, pois se tudo já está traçado,

isso significa que por mais merdas que fizermos, nunca será o suficiente para estragar tudo. Legal, né?

Mas como pode haver ao mesmo tempo um destino determinado e liberdade? Ué, porque mesmo se um ser como Deus ou o Macarrão de Espaguete Voador já conhece nosso destino, nós não conhecemos. Então na prática, e do nosso ponto de vista, temos livre-arbítrio.

Uma breve discussão sobre identidade. O que é o ser humano? Será que existe um “eu” separado de todo o resto? Seríamos nós um cérebro numa cuba?

Eu gosto da ideia do cérebro numa cuba, pois me remete imediatamente aos gênios malignos de Descartes. E se existe um gênio maligno que está nos enganando? E se toda nossa lógica e nossos sentidos físicos estão sendo ludibriados pelos gênios malignos?

Alguns podem dizer: “Não me importo de ser um cérebro numa cuba contanto que Deus esteja nessa cuba, ou exista perto algum Deus numa cuba”.

Pode ser que o gênio maligno de Descartes também esteja numa cuba. E Deus esteja na cuba.

Cara, a ideia era esclarecer e não complicar, então vamos parar por aqui.

Se quiser acrescentar fantasma em cubas no seu palácio fique à vontade, pois podem ser excelentes bichos de estimação. Nem precisa levar para passear, pois eles só permanecem quietinhos na cuba.

Por último, tratemos do realismo e do anti-realismo.

Para os realistas, montanhas e planetas possuem existência independente. Para os idealistas, os objetos

O Espírito e a Letra na Magia

externos são produtos da mente. Assim como as entidades espirituais como anjos e demônios, que você um dia se perguntou se eram apenas produto de sua mente.

Eu defendo o seguinte: só aceito que anjos, demônios e Deuses são produtos da minha mente se eu também aceitar que cadeiras e montanhas também são produtos da minha mente, já que eu não acho que uma cadeira é mais real que um anjo, por exemplo.

Por outro lado, se admito que uma cadeira continua a existir mesmo se eu deixar de olhá-la, será forçoso que eu admita que os Deuses possuem existência independente da minha mente.

Eu vejo as coisas dessa forma: 8 ou 80, não admito meio termo.

Por quê? É comum que as pessoas optem por um ponto de vista ponderado e moderado, para não se comprometerem. Mas eu aprecio me comprometer.

Então, como está ficando seu castelo até agora? Vejo um castelo tão alto que atinge as nuvens. Lá há alguns anjos e demônios dançando juntos, usando círculos quadrados como bambolês. Lá embaixo, pequenos cérebros dentro de cubas escutam a música e dançam junto.

Gostei tanto desse mundo que iremos explorá-lo com uma experiência de magia literária.

Capítulo 6: Cérebros são triangulares, formigas viram pavões

Eis o reino do Ditador Deus Dinheiro Pavão Formigoso Numa Cuba. Para os íntimos, ele se chama de Senhor Didedi Pafonucu.

– Senhor Pafonucu!! – exclamou o criado, esbaforido.

– O que você quer de mim, seu criado de merda? – perguntou Sir Pafonucu.

– O povo está insatisfeito. Eles reclamam que os impostos estão muito altos.

– Mas que cuzões! É claro que os impostos estão altos, ou como eu pagaria meu conhaque? Dei a eles uma praça toda feita de ouro e é assim que me retribuem?

– Eles não gostaram da praça feita de ouro, patrão. Dizem que há muita gente passando fome...

O Ditador Deus bateu na mesa com violência e a garrafa de conhaque se quebrou no chão. O criado se encolheu.

– Nós vivemos numa ditadura espiritualista! – berrou o Ditador, cuspiendo baba – eles têm a mim como seu Deus e devem apenas me adorar! O espírito é mais importante! O corpo irá perecer de qualquer forma, então qual o problema de um pouquinho de fome aqui e ali? Como são ingratos!

O Espírito e a Letra na Magia

– De fato, meu senhorio – disse o criado – o povão sempre fica pedindo essas coisas sem importância como comida e saúde. Só coisas para o corpo, senhor. Não sabem que o que importa é Deus.

– Sim, só eu importo! – berrou o Ditador grandalhão, balançando a pança – quero mais carne de porco com mel!!

Duas mocinhas entraram rebolando, carregando uma travessa gigantesca contendo um porco com uma maçã na boca e uma colmeia na cabeça, cheia de abelhas.

O Ditador devorou o porco inteiro em poucos bocados, colocando o porcalhão em sua bocarra divina. Depois disso, limpou a boquinha com um guardanapo de ouro.

– A praça de ouro é um templo sagrado para honrar a mim – ele explicou – então como alguém pode não gostar dela?

– Eu adoro a praça de ouro, Senhor Pafonucu – disse o criado, com um largo sorriso – adoro colocar minha bunda nos bancos de ouro ou sentar-me sob a sombra das árvores de ouro. E depois disso contemplar o seu sublime palácio todo feito de ouro!

Nesse momento, o criado levou um bofetão tão grande na cara que voaram-lhe os dentes.

– Por que fez isso, senhor? – perguntou o criado, que mal podia falar – falei algo que não devia?

– Eu apenas tive vontade de fazer isso – explicou o Ditador – porque sou Deus, então posso fazer o que quiser, sem precisar dar explicações.

– Isso foi muito bonito, amo! – exclamou uma das mocinhas reboadoras, que apenas se chamava “A”.

Soror Mallinatha

– Bonito, sim! – concordou a moça B, batendo palmas.

As duas eram exatamente iguais, vestindo seus uniformes dourados cheios de círculos quadrados e retângulos triangulares.

O criado também usava um uniforme parecido, mas tinha um aquário na cabeça, representando uma cuba.

– Como você é patético, um criadinho pra lá de chinfrim – observou o Ditador – eu queria rir um pouco, mas seus dentes voando nem deram para o gasto. Vá lá chamar o Bobo. Ô, Bobo!!

O criado não gostava nem um pouco do Bobo, mas, sem escolha, foi chamá-lo. Em pouco tempo, outro carinha entrou correndo no salão real.

Toda a roupa do Bobo tinha um tamanho grande demais para ele: os sapatos, a gola, o chapéu. Devia ter seus quarenta e poucos anos e um sorriso que nunca saía de sua cara.

– E aí, gordão! – gritou o Bobo, embora também tivesse sua própria barriga de chopp – por que me chamou, velho? Eu tava lá curtindo o maior surf na praia e pegando a maior onda.

– Que praia, Bobo? – perguntou o Ditador Deus, interessado.

– Eu tava pegando a onda que se forma toda a vez que o senhor abre a boca, meu rei! – exclamou o Bobo – é uma baita duma cusparada!

– Mas eu estava aqui e você estava lá – prosseguiu o Ditador – então como conseguiu pegar a onda?

– Bem, é como dizem por aí – explicou o Bobo – Deus está em toda parte, não é? Não importa onde eu me esconda, o cuspe sempre continua vindo.

O Espírito e a Letra na Magia

O Ditador abriu sua bocarra, ainda escorrendo mel e restos de porco, e deu uma grande gargalhada. O Bobo acompanhou-o.

O criado apenas revirou os olhos.

– Até mesmo eu faria uma piada melhor – justificou o criado – você só o xinga e ganha risadas. Eu só o elogio e ganho pancadas.

– Eu não riria de nada que você dissesse, não importa o quão engraçado fosse – observou a moça A – porque você é feio!

– Feio, sim! – concordou a moça B, prontamente.

– O que tem a ver uma coisa com a outra? – perguntou o criado, ofendido – como se esse Bobo gordo e careca fosse bonito!

– A carequinha dele é sexy – disse a moça A, lambendo os lábios.

– Sexy, sim! – concordou a moça B, num suspiro de amor.

Bobo deu uma piscadela para as mulheres e as duas deram gritinhos de paixão. O criado trincou os dentes.

Por sua vez, o Ditador riu outra vez.

– Mesmo eu sendo Deus, confesso que às vezes te invejo, Bobo – disse o Ditador – todo bonitão e sempre me faz rir. Que acha de ser o meu amante?

– Não daria certo, patrão – disse o Bobo – o seu traseiro é tão colossal e cheio de banha que eu levaria uma eternidade para achar o buraco e enfiar a minha pica.

Dessa vez, o Ditador riu tão alto e forte que quebrou o trono, caindo deitado no chão. Bobo acompanhou-o nas risadas, também dobrando-se no tapete.

Soror Mallinatha

Enquanto isso, o criado dava tapas na testa, desejando que fosse dispensado do salão o quanto antes.

– Também quero esta pica dura! – gritou a mocinha A.

– Pica, sim! – exclamou a mocinha B.

– Calma, calma, tem para todas – disse o Bobo, com seu sorriso sedutor.

– Bobo, eu tenho uma pergunta – disse o Ditador, quando conseguiu parar de rir – por que as formigas não são pavões?

– Porque as formigas não são burras – respondeu o Bobo, imediatamente – se tivessem todo aquele rabo colorido e peludo o tamanduá iria ver depressa e comer tudinho.

O Ditador aplaudiu a resposta, satisfeito. Quanto mais alegre o rei ficava, mais puto da cara ficava o criado. A careta se alargava cada vez mais.

– Por que esse criado insolente está fazendo caretas? – perguntou o Ditador.

– Porque ele está com dor de dente – respondeu o Bobo – um imbecil deu-lhe uma bofetada que tirou-lhe os dentes todos, então essa é a única cara que lhe restou.

– Que imbecil é esse, Bobo?

– É um elefante com diarreia, que pensa que é Deus, mas na verdade não passa de uma fadinha menstruada.

– Por que ela está menstruada?

– Está sangrando porque quebrou o trono com sua bundona!

O Espírito e a Letra na Magia

O rei, depois de rir, olhou ao redor e notou que estava mesmo sangrando com as farpas soltas do trono despedaçado.

– Criado! – berrou o Ditador, esganiçando-se.

– Estou bem ao seu lado, senhor, não sou surdo.

– Pois parece que é. Por que demorou tanto?

– Estou bem aqui, patrão! Não demorei nem meio segundo para responder-lhe.

– Que sujeitinho mais arrogante! – berrou o Ditador Deus, deixando-o molhado de baba – como ousa responder ao seu Deus?

– Perdão, Vossa Grandeza. Em que posso servir?

– Vá buscar outro trono para mim – ele mandou – e vocês duas, busquem panos limpos para que eu possa limpar esse sangue da bunda.

As duas saíram imediatamente e retornaram em seguida com os panos. No entanto, o criado não se moveu.

– Por que ainda não saiu da minha frente, seu verme estúpido?! – rosnou o Deus.

– Senhor, não sei onde irei conseguir um novo trono.

– Fabrique um! Você não era carpinteiro? Não sabe mexer com madeira?

– Isso foi há muito tempo... e eu levaria um longo tempo para preparar um trono tão grande e resistente o suficiente.

– Está insinuando que sou gordo? – perguntou o rei, com seriedade.

– Jamais, amo! – respondeu o criado, suando de nervosismo – o senhor nunca esteve mais em forma! Poderia concorrer para o título de Miss Universo!

Soror Mallinatha

– Por acaso está sugerindo que sou uma mulherzinha?

– É claro que não! – exclamou o criado – o senhor é o homem mais másculo que já conheci!

– Meus músculos são bons o suficiente? – perguntou Deus.

– Bem definidos, com certeza. Eu diria que o amo frequenta diariamente a academia. Será que eu posso tocar o seu bíceps?

– Claro, venha até aqui, meu querido.

Quando o criado se aproximou, o rei meteu-lhe um gancho tão grande no queixo, que o criado voou longe, bateu na parede e derrubou um quadro, que atravessou sua cabeça.

– Que criado mais idiota! – exclamou a moça A.

– Idiota, sim! – concordou a moça B.

E as duas riram. O Bobo deu uma cambalhota no chão em meio às risadas. E começou a cantar assim:

Era uma vez um criado cagão
Que por meu rei se espatifou no chão
Não tem mais dentes o pobre infeliz
Vai retirar meleca do nariz!

– Vocês riem agora, mas logo terão o troco! – gritou o criado – eu juro que farei o trono mais lindo de todo reinado!

– Vai lá, galinha cocoricó! – exclamou o Bobo – está muito falante. Sai, sai, mexeriqueira!

– Seu bosta – ele rosnou – um dia juro que vou te meter numa encrenca com o rei e ele vai te enforcar!

– Pode ser, mas você vai vir junto! – exclamou o Bobo alegremente, com um sorriso.

O Espírito e a Letra na Magia

O criado saiu. Enquanto isso, as duas moças dançavam juntas, ainda cantando a música do Bobo: “... meleca do nariz!”.

– Acho que ando um pouco deprimido – confessou Deus.

– Por que, Vossa Excremência? – perguntou o Bobo.

– Porque meu cachorrinho está doente – disse Deus – Cerebrito não sai mais da tuba!

– Da tuba, senhor? – riu-se o Bobo – o cachorro agora virou músico?

– Não, da cuba – corrigiu-se o rei.

– Sei tocar tuba com o cu – contou o Bobo – quer que eu lhe mostre?

– Não, da última vez você cagou tudo – disse o Deus – em vez disso, traga-me Cerebrito. Acho que sua saúde irá melhorar quando ele me ver.

– Vai ficar mais doente, isso sim, depois de olhar para essa sua cara de bagre! – exclamou o Bobo.

– Oh, tenho tantas saudades! Traga-me agora, Bobo, ou meu coração irá se derreter!

– Xi, é melhor eu trazer mesmo! Quando esse maluco chora, fico todo cheio de ranho. Já volto cá!

Ao dizer isso, o Bobo saiu de lá correndo. Em poucos minutos estava de volta carregando nas mãos uma cuba. Dentro dela saiu um cabritinho, que na verdade era um cérebro com patinhas, que dava pulinhos como um cabrito.

Deus abraçou o cérebro com tanta força que o cabritito deu gemidos de dor e de alegria.

– Já está melhor, esse levado! – exclamou Deus, animado – vou deixá-lo aqui. De repente, fiquei com vontade de assistir um teatro.

Soror Mallinatha

– Opa, é pra já! – disse o Bobo – irei chamar uns amigos e iremos montar uma coisa aqui.

Bobo saiu e um minuto depois estava de volta com dois companheiros, que não eram humanos. Eram entidades espirituais: um anjo e um demônio.

O Anjo tinha pele negra, black power e óculos escuros. Usava vestes douradas e tinha imponentes asas nas costas. E uma harpinha na mão.

O Demônio era vermelho com chifres e rabo pontudo. Carregava um tridente e usava apenas uma tanguinha. Era totalmente careca.

– Alô, chefia! – cumprimentou o Demônio – há quanto tempo!

– Tudo em cima? – perguntou o Anjo.

– Quem são esses dois imbecis? – perguntou Deus.

– Não sei, achei por aí – explicou Bobo – vamos começar o espetáculo, pessoal!

Bobo começou a narrar:

– Era uma vez o início dos tempos. A partir do Nada, Deus criou a si mesmo e criou também o tempo. Depois criou anjinhos. Um dos anjos se rebelou, fez uma guerra e esculhambou tudo. Aí Deus criou os humanos, eles pecaram, mas isso não esculhambou tudo, porque já estava tudo esculhambado mesmo. Então anjos e demônios entraram em guerra. Os humanos fizeram guerra também, aí Deus entrou na guerra no Juízo Final, matou tudo. Fim.

O anjo e o demônio bateram palmas.

– Que peça mais curta – observou Deus.

– O senhor é eterno, está além do tempo, para você não existe divisão entre presente, passado e

O Espírito e a Letra na Magia

futuro – explicou o Bobo – então não vale a pena preparar uma peça muito longa se você pode voltar a fita e rever quando quiser.

– Faz sentido – disse o Ditador – como você é tão inteligente, Bobo?

– É porque nasci de uma vagina – disse Bobo – você criou a si mesmo, então não sabe como foi bom. Já fiquei bem alerta desde que estava nascendo para curtir o momento e isso me tornou esperto.

O cachorrinho feito de cérebro foi até o demônio e mijou nele. O demônio, irado, meteu-lhe o tridente e matou-o.

O rei, chocado, berrou:

– Bobo, mata, MATA!!!

Bobo deu uma pirueta no ar e, retirando as duas foices afiadas que carregava na cintura, decapitou o demônio de imediato. A cabeça rolou pelo chão.

O anjo e as duas donzelas bateram palmas.

– Além de engraçado, o Bobo é um assassino frio! – exclamou a moça A, quase desmaiando de prazer – estou molhadinha!

– Molhadinha, sim! – disse a moça B, apertando as coxas uma na outra, num gemido.

O criado entrou pela porta lateral arrastando um trono.

– Me esforcei muito, espero que goste, amo! – disse o criado, orgulhoso – aliás, aconteceu alguma coisa aqui? Vejo um cachorro morto, que se parece com um cérebro, além de um corpo sem cabeça e uma cabeça sem corpo.

– Ah, isso se vê todos os dias – disse o Bobo, limpando o sangue das foices nas vestes douradas.

Soror Mallinatha

– E o que esse anjo espertalhão está fazendo aqui?
– perguntou o criado.

– Se eu fosse ele, continuaria aqui só pra ver você ser xingado pelo reizinho, mesmo depois de se esforçar tanto – disse o Bobo.

– Sente-se, por favor, e experimente minha obra de arte – disse o criado.

O Ditador Deus sentou-se no trono. E ele não quebrou. Por um momento, pareceu satisfeito.

– Espere – disse Deus – por que o trono não está pintado de dourado? Volte lá e pinte.

– Sim, senhor Pafonucu – disse o criado.

E, mostrando o dedo do meio para o Bobo, que apenas sorria de orelha a orelha, saiu pela porta outra vez, arrastando o trono.

Naquele momento, um pobre miserável de vestes remendadas entrou pela porta principal e jogou-se no chão diante do rei.

Deus ficou escandalizado.

– Quem permitiu que essa gentalha sujasse meu chão real?!

– Por favor, Deus, estamos todos com muita fome! Estou quase morrendo... cof, cof... ack, ack...

– Bobo, pegue aquela clava e enxote esse inseto daqui – mandou Deus.

Bobo pegou uma clava com espinhos que estava pendurada na parede e com ela bateu no miserável muitas vezes, até que ele chorasse e sangrasse, e saísse dali se arrastando.

– Ué, nem ficou carne grudada nos espinhos – disse o Bobo, verificando – porque este daí já estava pele e osso!

O Espírito e a Letra na Magia

– Quer mais porco, senhor? – perguntou a moça A.

– Imediatamente – disse o rei.

– Porco, sim! – exclamou a moça B.

E as duas saíram animadamente da sala para buscar mais comida.

– Eu consigo fazer uns milagres por aí e multiplicar pães e peixes, mas meus dedos estão coçando, então não vou fazer isso – observou o Anjo, lixando as unhas.

– Bobo, estou com uma dúvida existencial – confessou Deus.

– Ih, ferrou! – disse o Bobo – mas pode mandar que a gente resolve, chefia.

– Será que eu existo?

– É claro que não! – afirmou Bobo – se existisse um porcalhão assim eu já teria me matado, porque sou teu bobo, seu cacete!

– Você é meu bobo ou meu cacete?

– Só o bobo, ainda bem!

– Então você existe, certo?

– Tomara que não, amigão! – exclamou o Bobo – uma existência assim é coisa de doer os miolos e o pinto.

– O pinto também?

– Sim, pois não levanta mais só de eu olhar tua cara de hipopótamo no cio.

O criado voltou com o trono, todo contente.

– Tá perfeito agora, não tá, majestade?

– Tá meio duro – disse Deus – me costura uma almofada vermelha pra combinar com meu bigulau.

O criado se mandou de lá. Bobo caiu no chão e riu até chorar.

Soror Mallinatha

– Minha chapuleta é meio roxinha – observou Bobo.

– Meu Deus, que homem! – exclamou a moça A, entrando pela porta e jogando o porco para o alto – é mesmo um arco-íris! Roxo é meu coração!

– Roxo, sim! – gritou a moça B, dando pulinhos.

– Esse porco tem um olhar tão triste – observou Deus – será que eu devo revivê-lo?

Deus usou seus poderes mágicos de fada e o porco voltou à vida. Ainda com a maçã na boca e a colmeia cheia de abelhas na cabeça, ele saiu grunhindo pela sala. Até que, irado, arrancou uma das pernas do anjo.

– Mas que diabos?! – berrou o Anjo.

Tirou sua espada de fogo da cintura. Mas em vez de cortar a cabeça do porco, cortou a cabeça das duas donzelas.

– Caralho! – exclamou a cabeça da moça A.

– Caralho, sim! – exclamou a cabeça da moça B.

E as duas cabeças se calaram para sempre. Enquanto isso, o porco terminou de devorar o anjo vivo, que continuou berrando.

Quando o criado voltou com a almofada, o rei sentou-se nela e não teve mais do que reclamar.

– Agora pegue um balde e uma vassoura e limpe as tripas do anjo e os restos mortais daquelas mulheres ali – mandou Deus.

O criado suspirou fundo e obedeceu. Limpou tudinho e depois foi guardar a vassoura e o balde.

Quando retornou, o criado perguntou:

– Tem mais algum serviço para mim, alteza?

– Por incrível que pareça, não consigo pensar em nada – disse Deus.

O Espírito e a Letra na Magia

– Ficou umas tripinhas ali – Bobo apontou para o chão – manda esse traste limpar com a língua. Ele limpou que nem o rabo dele!

– Você parece saber muito sobre limpeza, Bobo – observou o criado – que tal você mesmo me mostrar como se limpa?

– Não, não, só sirvo pra sujar – explicou o Bobo – sujar o ar com minhas piadas e sujar o chão de sangue com meus pequenos homicídios. Não é mesmo, Vossa Gordeza?

– É isso mesmo, meu Bobo – respondeu Deus, com ternura.

– Senhor, não há nada nesse mundo que esse malandro possa falar que o ofenda? – perguntou o criado, ligeiramente irritado – não é possível que o senhor deixe passar tudo!

– Só há uma única coisa – disse Deus – mandei fazer uma estátua gigante de um cacete dourado no meio da minha praça de ouro. Se qualquer um ousar falar mal ou rir da minha estátua cacetética, eu lhe cortarei a cabeça.

Quando o Bobo ouviu isso, inflou as bochechas, pois estava segurando o riso.

– O que foi, Bobo? – perguntou Deus – aconteceu alguma coisa com sua cara?

O Bobo fez que não.

– Que é? – perguntou o rei, impaciente – alguém cortou sua língua?

– Senhor Pafonucu, faça a gentileza de nos contar mais sobre esse majestoso cacete – pediu o criado – ele também tem pentelhos de ouro?

– Sim, as bolas são repletas de pentelhos dourados e reluzentes – explicou Deus – é um pau bem duro

Soror Mallinatha

que aponta para o céu. Mas também é uma linguíça bem levada. Este palmitão sabe bem o que quer, se é que me entende.

– De fato, parece ser uma piroca respeitável – concordou o criado – muito esperto, senhor.

– Não é mesmo? – disse Deus, orgulhoso – bingolim é brincalhão, mas também é repleto de uma sabedoria divina, especialmente quando se porta como um cavalo. É o potranco do papai.

Bobo não conseguiu mais segurar o riso. Ajoelhou-se no chão e soltou altas gargalhadas até que caíssem lágrimas de seus olhos.

– Criado – disse Deus.

– Sim, senhor.

– Mande o Bobo para a forca. Imediatamente.

– YESSSS BABY!!!! – exclamou o criado, fora de si de contentamento.

Bobo deitou no chão, de barriga para cima.

– Porra! – ele exclamou, cheio de alegria, pois não conseguia parar de rir.

O criado aproximou-se do Bobo.

– Pronto para ir para o inferno, meu palmitão? – perguntou o criado, sorrindo.

– É como eu disse – falou o Bobo – só se eu te levar junto.

– Criado – disse Deus – você acabou de usar em vão termos sagrados. Também será enforcado.

Dessa vez, Bobo gargalhou a ponto de não conseguir respirar. E uivou.

– Finalmente, irei me libertar dessa vida! – exclamou o criado, aliviado.

– Pensando bem, mudei de ideia – disse Deus – você fica, criado. Irá se tornar meu novo Bobo.

O Espírito e a Letra na Magia

– Nem morto! – exclamou o criado – por favor, me mate!

– Não se preocupe – disse o rei – se você me contar boas piadas, permito que transe comigo.

O criado jogou-se no chão, ajoelhando-se diante do rei.

– Por favor, poupe a vida do Bobo!! – berrou o criado.

– De jeito nenhum! – gritou o Bobo, ainda morrendo de rir – agora sim que quero morrer!

Naquele momento, entrou uma morta de fome maltrapilha, ajoelhando-se diante do rei:

– Tenho fome, meu rei...

– Leve esse bobo e coma – disse Deus, entregando-lhe um facão na mão.

A moça saiu de lá toda contente, levando bobo e facão. Quando foi arrastado do salão real, Bobo ainda ria com leveza, feliz como uma criança.

– Quanto a você, vá fazer penitência na praça de ouro, criado – mandou Deus – cinquenta lambidas no pau dourado.

– Sim, senhor Pafonucu.

Quando o criado chegou na praça de ouro, notou como a estátua sagrada era realmente magnífica.

– Eu o subestimei – o criado falou consigo mesmo – trata-se mesmo de uma linguíça sagrada.

E deu início à sua penitência.

O Sol estava brilhando forte no céu. O criado deu-se conta como o mundo era lindo. Havia alguns cérebros voadores no firmamento. Anjos e demônios travavam uma guerra mortal.

Porém, foi o triângulo quadrado, o símbolo da geometria sagrada de Deus, que mais lhe deslumbrou.

Soror Mallinatha

Assim, o criado respeitou o mistério da vida.
Lá longe, um porquinho pastava alegremente.

FIM

Anexo



Mallinatha, 12th century AD, Lucknow State
Museum

[https://lbb.in/delhi/national-museum-exhibit-delhi-
body-indian-art/](https://lbb.in/delhi/national-museum-exhibit-delhi-body-indian-art/)

